

Ministério

Uma revista para Pastores e Obreiros

Julho-Agosto DE 1998

Cristo e a eucaristia



Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

ARTIGOS

10 OBJEÇÕES REFUTADAS

Análise de críticas feitas à doutrina do Juízo Pré-Advento.

13 NÃO ESTAMOS SÓS

Uma visão global da Igreja Adventista, apoiada pela estatística.

14 DESPERTE A EMOÇÃO

A pregação deve alcançar o homem em seus aspectos racional, físico e emotivo.

17 CRISTO E A EUCARISTIA

Análise de um dos mais controvertidos ensinamentos do catolicismo romano.

22 DIÁLOGO COM TOMÉ

A experiência vivida pelo discípulo prova que Jesus é o companheiro, tanto do crente quanto do cético.

27 JESUS E A IGREJA DE ESMIRNA

Ao identificar-Se à igreja de Esmirna, Cristo reafirma peculiaridades de Sua natureza divina.

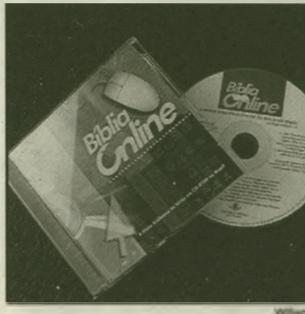
SEÇÕES

3 EDITORIAL

4 ENTREVISTA

7 AFAM

8 PONTO DE VISTA



25 IDÉIAS

30 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

31 LIVROS



Ano 69 – Número 04 – Jul./Ago. 1998
Periódico Bimestral

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Revisoras:** Ildete Silva e Mercedes Campos; **Editor de Arte:** Wilson Almeida; **Diagramação:** Jobson Santos; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; José S. Ferreira; Izéas Cardoso; **Capa:** William de Moraes

Visite o nosso site: <http://www.cpb.com.br> E-mail: Serviço de Atendimento Direto: saa@cpb.com.br Redação: redacao@cpb.com.br Internet: www.mensagem.com/ministerio

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600; CEP 70279-970, Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
EDITORA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA
Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000; Tatuí, SP

Mais um passo



Este ano está sendo um marco de mudanças para *Ministério*. Depois de adentrar 1998 com um visual novo, a revista avança um pouco mais, abrindo uma página na Internet. Desde o dia 26 de maio, suas matérias passaram a estar disponíveis através do endereço www.mensagem.com/ministerio, aí permanecendo até o final de 1999.

É, sem dúvida, um fato significativo, que sintoniza *Ministério* com o progresso editorial, e considerando o grande número de leitores que pode ser alcançado por essa via. Grandes publicações nacionais, seculares ou religiosas, estão se valendo desse novo recurso tecnológico. Aliás, este é um caminho sem volta; no dizer de um amigo pastor, entusiasmado internauta, "quem não quiser entrar nele, vai ser empurrado para ele, fatalmente". *Ministério* entrou por escolha própria e graças ao sadio idealismo do Pastor José M. Viana, secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana. Também tiveram participação direta no processo o seu filho Ricardo Viana, analista de sistema em Salvador, BA, e o Pastor Márcio Dias Guarda, editor de Mídia Digital da Casa Publicadora Brasileira, que, inclusive, tem colaborado

ultimamente na produção da revista, traduzindo ou editando alguns artigos.

O ideal que fez nascer *Ministério*, 68 anos atrás, não arrefeceu. Oferecer aos pastores e obreiros adventistas do Brasil, e às suas respectivas famílias, subsídio para crescimento espiritual, familiar e profissional, continua sendo o objetivo, agora incluindo também pastores de outras denominações cristãs. A Internet será fundamental no cumprimento desse propósito.

Ter as matérias, arquivar o que for pertinente e tornar práticos no dia-a-dia os conceitos emitidos são atitudes que representam apenas parte do processo. Deve haver algo mais: integração e diálogo. Essa é a razão pela qual entre os planos futuros imediatos, está a criação de um espaço para cartas dos leitores. Aí todos serão livres para fazer comentários, críticas ou observações adicionais sobre algum assunto publicado.

Desde o início do ano, alguns fizeram isso e registramos aqui a sua participação:

"Não poderia deixar de parabenizá-los pela nova grande revista Ministério. Que Deus os abençoe poderosamente, aí na Casa Publicadora Brasileira, com esse novo trabalho."

Pastor Silóé Almeida, diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana dos Adventistas do Sétimo Dia, Brasília, DF.

"A revista Ministério está ótima, com temas muito relevantes. Parabéns!"

Pastor Jobson D. Santos, capelão do HAB, Belém, PA.

"Depois de 68 anos produzindo os mais belos temas e unindo os mensageiros da verdade divina, Ministério evoluiu muito com o novo visual."

Pastor Severino T. Lira, jubilado, residente em Caruaru, PE.

"É sempre muito boa a abordagem de temas sobre a saúde mental (Ministério mar./abr. 98). Quero encarecer a necessidade que têm os que lidam com pessoas (pastores, médicos e psicólogos),

de primeiro tratarem a si mesmos. Às vezes temos que carregar as lutas pessoais, além das que têm os consulentes; e, se não tivermos onde 'desabafar', não é difícil cairmos em prostração e esgotamento. Artigos como este de Ministério, irão, sem dúvida, preparar o terreno da mente, livrando-a de preconceitos, a fim de que aqueles que podem decidir incluam como diferencial, no plano de saúde da Igreja, o atendimento psicológico, não porque outros planos o estejam fazendo, mas por acreditarem no 'assim diz o Senhor'. Que Deus possa continuar abençoando o ministério dos irmãos aí na Casa"

Pastor Adami A. R. Gabriel, psicólogo, distrital em São Bernardo do Campo, SP.

"Apreciei muito o novo visual da revista Ministério. Parabéns!"

Dr. Alberto R. Timm, Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White do Brasil e professor do Salt-IAE, Engenheiro Coelho, SP.

"Acabei de receber a revista Ministério e gostaria de parabenizá-los pelo novo formato, diagramação e cores na capa. O artigo 'Observações de um psicólogo' (mar./abr. 98) tocou num ponto neurálgico das necessidades ministeriais, quando o autor diz: 'algumas vezes, um ministro se sente mais seguro em revelar seus mais profundos sentimentos e assuntos pessoais a um psicoterapeuta' do que a um colega de ministério. Esse tema deve ser abordado sempre, a fim de criar uma conscientização e, quem sabe, até podermos receber auxílio para essa finalidade. Ellen White mesmo diz: 'nove décimos das doenças das quais os homens padecem têm aí [na mente] a sua causa.' (Mente, Caráter e Personalidade, pág. 54).

Pastor Édén Just da Rocha Pita, distrital em Vila Buarque, SP.

Escreva você também.
- Zinaldo A. Santos.

Mordomia cristocêntrica

No livro *O Chamado à Mordomia*, Waldo Werning a define como sendo "a resposta do crente ao amor de Deus, que o criou, preservou, redimiu e santificou. Pode ser denominada a administração por parte do cristão de sua vida redimida e suas posses, pelo poder do Espírito, dirigido pela palavra – para a glória de Deus e para o benefício do homem. A mordomia cristã é o fruto da fé salvífica. É fé em atividade, a expressão da fé cristã, a evidência de quão sinceramente um filho de Deus crê nas verdades que aceita. O mordomo cristão é uma pessoa a quem foi confiada uma vida redimida por Cristo. Ser mordomo é seguir aonde Deus o dirige pelas habilidades e forças que Ele dá".

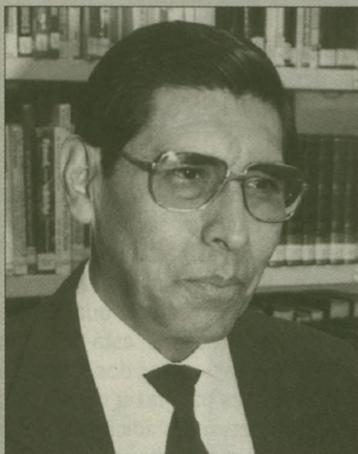
Embora trate de aspectos materiais, a mordomia é um estilo de vida profundamente cristocêntrico, exercido na dependência de Cristo e para Cristo. O esquecimento dessa realidade fez com que, durante algum tempo, a abordagem do assunto encontrasse dificuldade de aceitação e resposta por parte de membros da Igreja, e até de pastores.

Mas o quadro está mudando. Aliás, de acordo com as informações do Pastor Arnaldo Enriquez, diretor de Mordomia Cristã da Divisão Sul-Americana, a mudança já é uma realidade, embora ele planeje maiores avanços ainda. "Nossa primeira tarefa, na DSA, foi reavivar a Mordomia. Reconstruímos os fundamentos. Continuaremos avançando", diz ele.

O Pastor Enriquez tem 40 anos de pastorado exercido como distrital, diretor de Mordomia, presidente de Campo, e está na Divisão Sul-Americana, desde julho de 1995, depois de liderar a Mordomia Cristã na União Peruana. Durante uma semana de oração, realizada na Casa Publicadora Brasileira, ele concedeu à revista *Ministério* a seguinte entrevista.

Ministério: Qual é a sua definição de Mordomia?

Pr. Enriquez: Mordomia Cristã é um novo estilo de vida em Cristo Jesus.



Pastor Arnaldo Enriquez

Ministério: Quando e com que objetivos esse estilo de vida foi departamentalizado?

Pr. Enriquez: O Departamento de Mordomia foi instituído em 1967, com o objetivo de introduzir um novo sistema para desenvolver as finanças da Igreja. Depois de aproximadamente dez anos, esse conceito foi ampliado, passando a abranger outras áreas da vida. Mas, inicialmente, o principal objetivo era o desenvolvimento da Igreja, numa época em que não se tinha orçamentos para aquisição de terrenos e construção de templos; havia uma necessidade muito grande. Então deveriam ser desenvolvidas atividades espirituais que, entre outros resultados na vida das pessoas, também captassem recursos para o desenvolvimento da Igreja.

Ministério: Parece ter havido, inicialmente, alguma dificuldade para a consolidação desse Departamento. Como o senhor o avalia atualmente?

Pr. Enriquez: Acho que o Departamen-

to de Mordomia sempre esteve muito bem, desde o seu início até o ano de 1985. Na verdade, um departamento necessita de dez a vinte anos para se afirmar. Mas, depois de 1985, a Igreja mundial começou a pensar na fusão de todos os departamentos num só. Com base em pesquisas realizadas no mundo inteiro, foi então criado o Departamento de Ministérios da Igreja, DMI, que abarcou todos os demais setores, como Escola Sabatina, Ação Missionária, Mordomia, Jovens Adventistas, Lar e Família; deixando à parte Educação e Evangelismo. Esse novo enfoque foi obedecido por 90% da Igreja. Aqui no Brasil, não houve muito êxito. Mas as Uniões hispanas estavam todas envolvidas nesse sistema. Foi então que a Mordomia começou a enfraquecer, quase se extinguindo totalmente. Mas, a partir de 1995, a Associação Geral decidiu devolver à Mordomia a estrutura de um departamento, acabando com o DMI.

Ministério: Então está plenamente consolidado.

Pr. Enriquez: Não, ainda não. Porque os anos de queda estragaram mesmo, não apenas a liderança leiga, mas também dos pastores. Durante esse período, não houve formação de líderes para esta área; foi um tempo de recessão.

Ministério: O objetivo inicial, ligado a finanças e patrimônio, como o senhor mencionou, não explica também as dificuldades de avanço e até resistência por parte de algumas pessoas?

Pr. Enriquez: Acho que sim. Durante anos, estivemos colhendo os frutos dessa sementeira. Alguns irmãos começaram a reagir, os pregadores de Mordomia orientavam muito enfaticamente na direção das finanças, com uma força de cobrança. Havia uma certa desmotivação por parte dos líderes, surgiu uma espécie de preconceito contra o assunto.

Ministério: Qual o centro do novo enfoque?

Pr. Enriquez: É bom esclarecer que não queremos eliminar tudo o que foi feito no passado. A questão é colocar as coisas em seu devido lugar. Agora, o assunto é apresentado mais holisticamente, pois, de fato, ele envolve todo o ser. A principal dificuldade da Mordomia é que o egoísmo está no coração humano, penetrou, afirmou-se e se espalhou nas igrejas. A razão pela qual o dízimo não é devolvido, a oferta não é trazida, os talentos não são empregados na missão, e o próprio corpo é mal-administrado, é o egoísmo. O desejo de administrar a vida segundo a própria vontade e apenas para satisfação pessoal, faz o homem retrain-se e reter; desconfiar da liderança. Se o problema do egoísmo existe, a única solução é a recepção de Cristo e do Espírito Santo na vida. Então a única coisa que podemos e devemos fazer é oferecer Cristo e o Espírito Santo para nossos irmãos, a fim de que operem a transformação que desejam efetuar, produzindo os frutos do altruísmo, da renúncia e abnegação de si mesmo, do desejo de participar com dízimos, ofertas, envolvimento pessoal, sábio emprego do tempo e preservação da saúde. Uma pessoa que direciona a mente para Cristo e o Espírito Santo terá o desejo de ser fiel a Deus em todas as coisas. Com a motivação correta, cristocêntrica, espiritual, sem o sentido de cobrança. Essa pessoa faz de Cristo o Senhor de sua vida. Aí não existe espaço para o egoísmo.

Ministério: *Que estratégias o senhor tem para implantar esses conceitos na mentalidade humana tão secularizada dos dias atuais?*

Pr. Enriquez: Vou lhe dizer uma coisa: existem duas classes de membros na igreja. A primeira é composta por membros revoltados, aqueles cuja fé foi enfraquecida e por alguma razão estão revoltados. Ainda não saíram da igreja, mas vivem amargurados, falam contra o dízimo, desconfiam de tudo e de todos. Parece que estão em rebelião contra Deus e projetam isso contra a liderança. Esses não serão dizimistas, a menos que sejam convertidos novamente. A outra classe é um grupo muito grande de irmãos que estão acomodados porque não receberam a instrução correta, prática, antes do batismo. Pecam por ignorância. Necessitam de educação, instrução. De forma que, ao mundo materialista como é o nosso hoje, nada é mais poderoso que a apresentação de Cristo e o Espírito Santo, para que convertam os corações. Em seguida, devemos ensinar claramente, com base espiritual, os requerimentos divinos. Esse en-

foque não dispensa a ênfase nas áreas do tempo, talento, templo e tesouros. A elas acrescentamos a ênfase no senhorio de Cristo e na submissão ao Espírito Santo.

Ministério: *O senhor acha que deve ser sugerido um percentual para as ofertas, ou isso deve ser deixado a critério do doador?*

Pr. Enriquez: Bem, isso faz parte do antigo sistema de pacto, que não pretendemos descartar. Se falarmos contra ele, acabaremos confundindo tudo. Os irmãos que o praticam devem continuar a fazê-lo. Outros que dão suas ofertas e não sentem necessidade de se ajustarem a um percentual, também não devem se preocupar em fazer o contrário. Uma coisa, entretanto, deve estar clara: o conceito de pacto tem origem no Antigo Testamento, com as ofertas proporcionais, e também é mencionado nos escritos de Ellen White. Portanto, não estamos contra esse sistema; damos completa liberdade aos irmãos. Mas, acredito que chegará o tempo em que a Igreja deverá pronunciar-se quanto a um percentual unificado.

Ministério: *Antigamente o processo de implantação do programa de Mordomia numa igreja, parecia muito burocrático. Há mudanças também nesse aspecto?*

Pr. Enriquez: O princípio ainda existe. E esse é que cada igreja faça seu orçamento, seu planejamento de trabalho. Os membros também devem estar informados sobre o movimento de entradas e saídas, através de reuniões administrativas. Tudo isso permanece. O que nós estamos fazendo é resumir o processo e torná-lo mais prático. Há três coisas que não podem ser descartadas: o orçamento, o planejamento de trabalho e a transmissão clara de informação aos membros, através de reuniões administrativas. Senão a coisa vira anarquia. Os princípios devem ser mantidos, mas a forma pode ser ajustada às realidades de cada igreja, de maneira que tudo resulte prático.

Ministério: *O que motivou a escolha de 1998 como o ano de ênfase especial aos dízimos, na Divisão Sul-Americana?*

Pr. Enriquez: O problema é o seguinte: muitos Campos começaram a sentir dificuldades com entradas de dízimos. Embora batizassem muitas pessoas, os dízimos permaneciam como que estagnados. Algumas Uniões tinham acréscimo anual de quinze, vinte mil novos membros, mas os dízimos não cresciam. Isso indica que não houve suficiente ensino sobre o as-

sunto. Um dos papéis da Mordomia é a instrução, a educação do povo. Por isso a escolha desse ano como sendo o da ênfase sobre este aspecto da vida cristã.

Ministério: *Dentro da amplitude da Mordomia, enfatizar o dízimo não é cair no antigo problema de destacar o lado financeiro?*

Pr. Enriquez: Estamos enfatizando neste ano o sábado também. São duas áreas da Mordomia: tesouro e tempo. Mas no ano passado focalizamos os talentos; e 1999 será o ano da ênfase na mordomia do corpo. Nosso enfoque se parece com a mensagem dos três anjos do Apocalipse. O primeiro anjo faz soar a trombeta e não pára. Enfatizar um aspecto num determinado ano não significa que não continuemos a fazê-lo. Para o próximo ano, já temos material produzido para uso dos líderes de Mordomia.

Ministério: *Há indicadores de problemas também quanto à guarda do sábado, para que fosse incluída nessa ênfase especial?*

Pr. Enriquez: Sim, e a questão é a mesma do dízimo. Temos batizado muita gente que não pratica a doutrina, ou não foi devidamente instruída. Aceita a veracidade dela mas não pratica. Especialmente nas grandes cidades, com a agitação da vida moderna, o problema se agrava. Há dificuldades com o início e fim do sábado, tipo de lazer, etc. Às vezes, acontece que a pessoa recebeu a doutrina, mas não teve tempo de se acostumar colocando-a em prática, antes do batismo. Numa série de conferências, por exemplo. Ninguém recebe mais instrução doutrinária como as pessoas que assistem a uma série de conferências públicas. E instrução de qualidade, com o melhor equipamento, uma equipe gabaritada, material impresso. Mas recebem a doutrina do sábado numa semana, e na outra já estão batizadas. Aí reside minha preocupação maior.

Ministério: *O conceito de que dizimar está relacionado com o recebimento de bênçãos; e ofertar, com sacrifício, não inspira uma espécie de barganha e justificação por obras?*

Pr. Enriquez: Quando um membro da igreja compreende o senhorio de Cristo em sua vida, deixa de fazer barganha. Devolverá dízimos e doará ofertas por princípio, o princípio do amor a Deus; não por compulsão.

Ministério: *Há pessoas que aplicam o dízimo por sua própria conta, pagando,*

por exemplo, obreiros bíblicos voluntários.

Pr. Enriquez: Isso é uma deformação, um desvio que não pode ser aceito pela Igreja. Há, sim, quem faça isso. Alguns irmãos de uma determinada região enviam os dízimos para outras a fim de manter obreiros.

Ministério: Campos mais pobres deveriam recusar dízimos que recebem de irmãos que moram em Campos mais abastados?

Pr. Enriquez: Eu acho que eles nunca vão fazer isso. O que a Igreja deve fazer é continuar recomendando e aconselhando a que devolvam seus dízimos em sua própria igreja. Mas ninguém pode fiscalizar.

Ministério: Há aqueles que não devolvem dízimos nem participam com ofertas, argumentando que os administradores da Igreja fazem muitos gastos supérfluos, ao passo que certas regiões não têm um pastor distrital.

Pr. Enriquez: Esses irmãos estão errados. Ellen White assegura que ninguém pode desviar o dízimo do princípio para o qual foi estabelecido. Nossa responsabilidade, como pastores e líderes, é não dar lugar para suspeitas, nem deixar que o desvio aconteça. O conselho é que mesmo que alguém tenha desconfiança sobre a aplicação do dízimo, deve chegar ao líder e falar de maneira clara, cristã, amadurecida, adulta, sobre o assunto. O que não deve é encontrar nisso uma justificativa para desviar o dízimo noutras direções.

Ministério: O Manual da Igreja menciona que o dízimo não é prova de discipulado. Como devemos entender isso, sendo que um dos requerimentos do novo membro adventista é que seja dizimista?

Pr. Enriquez: Em algum tempo, alguns membros da igreja começaram a deformar o conceito de fidelidade, transformando-o num negócio, sem levar em conta a conversão da pessoa. A declaração, lamentavelmente, tem sido usada para que alguns se acomodem à condição de não dizimistas, ou descuidem na instrução aos interessados que chegam para a igreja, o que é bastante perigoso. Infelizmente, tenho encontrado também muitos casos de pessoas ocupando cargos nas igrejas sem serem dizimistas. E nos seminários que dirijo tenho sido tão claro e enfático, que alguns pastores têm reconhecido humildemente a necessidade de mais firmeza nessa questão. O princípio do dízimo está bem claro na Bíblia, que é nossa principal regra de fé e

prática. Eu creio que em algum momento a Igreja deverá definir mais amplamente esta expressão do nosso Manual.

Ministério: Segundo o antigo sistema de implantação da Mordomia, quando uma igreja entrava no plano, estavam eliminadas as campanhas especiais de arrecadação de fundos para qualquer coisa. Que acha disso?

Pr. Enriquez: Arrecadações especiais de fundos sempre existiram. Compra de equipamentos e instrumentos para a igreja local deve estar incluída no orçamento. Mas campanhas em favor das necessidades do Campo tendo em vista, por exemplo, construção de capelas, ou algo semelhante, são válidas. O que sugerimos é que um irmão, à parte das ofertas regulares e sistemáticas mensais ou semanais, separe algo para o projeto especial do Campo também. Veja bem, é algo especial, não comum, assim como aconteceu nos dias do Antigo Testamento. O povo de Israel já dava um segundo dízimo, mas quando foi construído o santuário, Deus pediu uma oferta especial. E o povo deu.

Ministério: Como o senhor avalia seu trabalho desenvolvido até aqui, à frente do Departamento de Mordomia, em relação às metas propostas?

Pr. Enriquez: Nossa primeira meta foi reavivar a Mordomia nas igrejas. Nós a encontramos forte em algumas Uniões brasileiras, mas nas hispanas estava esquecida. Com a ajuda de Deus, depois de realizar 24 seminários, cada um assistido por aproximadamente 40 pastores, podemos dizer que a situação mudou consideravelmente. São seminários que unem teoria e prática. Reunimos os pastores de um Campo numa cidade, durante nove dias. Pela manhã, ministramos aulas para eles. À tarde, saímos para o trabalho de visitação pastoral; e, à noite, acontecem as reuniões na igreja. Se a cidade tiver mais de uma igreja, todas elas receberão um pastor que pregará à noite e fará o trabalho de visitação. Tanto o povo aprecia, como o pastor também é beneficiado, especialmente porque muitos, lamentavelmente, perderam o costume de visitar os membros. Então esse hábito é resgatado. Acredito que, durante esses seminários todos, chegamos a visitar entre sete e oito mil famílias.

Ministério: Como tem sido a resposta a esse processo?

Pr. Enriquez: Tanto faz se uma região é abastada ou carente, a resposta é uma

só: positiva. Aceitação total. Mas algumas coisas realmente marcam. A primeira delas é a empolgação dos pastores. Para mim, isso é gratificante, porque no início a posição é de desconfiança. Depois, há o testemunho dos oficiais e membros das igrejas. Eles se revelam beneficiados, e mostram disposição e decisão para envolvimento no processo. Tornam-se fiéis na devolução do dízimo e na guarda do sábado, e participativos com seus talentos. Nenhuma igreja que foi envolvida na programação permaneceu a mesma. Em Guaiaquil, Equador, um economista não dava dízimo, havia dez anos. E tinha cargo na igreja. Depois de uma semana, resolveu dar dois dízimos; um deles para ressarcir a falha anterior. Finalmente, há conversões de não-adventistas também. Em Ribeirão Preto, SP, um médico assistiu às programações, examinou a literatura utilizada e, no último dia, deu o seguinte testemunho: "Visitei a igreja adventista pela primeira vez, nesta semana. Encontrei aqui duas coisas: uma mensagem de Cristo para o meu coração, e uma mensagem para o meu bolso. Aceito a Cristo como meu Salvador e Seu plano para minha vida material. Daqui para frente darei os dízimos nesta igreja."

Ministério: Quais são as suas expectativas para o futuro?

Pr. Enriquez: Temos colocado o fundamento. Nosso trabalho tem sido restaurar nos pastores, administradores e departamentais, o amor e o prazer pela Mordomia. Campos que olhavam com reservas o assunto, agora já nos convidam para realizar seminários. E assim, vamos continuar.

Ministério: Que apelo o senhor gostaria de fazer aos pastores e demais leitores de Ministério?

Pr. Enriquez: Precisamos voltar a Cristo, permitindo que Ele ocupe o trono do nosso coração e da nossa mente, administre nossa vida. Ele pode e deseja tirar todo egoísmo e toda cobiça do nosso coração, operando mudanças memoráveis, tornando-nos mais semelhantes a Ele. É assim que experimentaremos em toda a sua plenitude o gozo de servi-Lo, ofertando-lhe o melhor dos nossos talentos, nosso tempo, nossos bens e nossa saúde; sem mesquinhez. Precisamos, urgentemente, experimentar um reavivamento através de Cristo e do Espírito Santo. Sendo isso realidade em nossa vida, teremos êxito na tarefa de ensinar as maravilhas divinas às nossas congregações. □

Presidente da Associação Cristã de Educação Especial, em Tatuí, SP



Faz 32 anos, mas parece que foi ontem. Estávamos perto do salão nobre do Instituto Adventista de Ensino (ainda não havia o templo), logo após o culto de

sexta-feira à noite, e tínhamos poucos minutos para conversar. Ainda estávamos nos conhecendo. Falamos dos nossos ideais de servir a Cristo. Aquela conversa alicerçou nosso desejo de nos unirmos a Deus e um ao outro. Dois anos depois, nos casamos e fomos para o campo missionário em Belém do Pará e, três meses depois, Amapá.

Foram 30 anos de preciosas experiências no lar e no trabalho para o Mestre. Hoje, ao olhar para trás, posso afirmar sem receio algum: "Ebenézer! – Até aqui nos ajudou o Senhor". Louvo a Deus, agradecida, pelos anos que passamos juntos e pelos que, por Sua misericórdia, ainda temos pela frente.

Logo que chegamos ao campo missionário, cheios de sonhos e boas intenções, percebi que tínhamos muito o que aprender. Só estudo e boa vontade não seriam suficientes para nos garantir o sucesso. Esbarramos nos problemas das saias curtas, da maledicência, do adultério, e muitos outros próprios de igrejas locais, além de também esbarrarmos em nossa própria falta de experiência.

Para completar, tínhamos nosso lar recém-surgido da bênção matrimonial, com todos os desafios e sonhos que dois jovens idealistas podem ter; lar este que precisava de amor e atenção para poder ser uma luz dentro e fora dele. Eu tinha somente 19 anos e havia aceitado a Cristo apenas três anos antes.

Mas a igreja que nos recebeu aprendeu a nos aceitar e amar, e nós partilhamos com ela nosso desejo sincero de acertar, amar e salvar. O resultado foi crescimento mútuo. Para que uma planta cresça e se desenvolva, precisa de poda, mas também precisa de água, solicitude e carinho. A igreja nos proporcionou todos esses aspectos.

No relacionamento com os irmãos, fomos aprendendo a aceitar suas debilidades sem condescender com o erro; a amar o pecador e aborrecer o pecado; a ver que nem tudo que éramos ou fazíamos tinha que ser aceito por eles; a compreender e respeitar as diferenças regionais; a rir e chorar com eles; a lidar com vitórias e fracassos; a caminhar de mãos dadas com Jesus.

Louvo a Deus pelas duas igrejas que nos ensinaram essas coisas: Marambaia, em Belém do Pará, e Bairro do Trem, em Macapá, capital do Amapá.

Como os discípulos aprenderam aos pés do Mestre, nós fomos aprendendo aos pés de nossos queridos irmãos. E como Cristo, em relação aos discípulos, aqueles irmãos também tiveram que ter muita paciência conosco. Por outro lado, assim como aconteceu com os discípulos, nós também só conseguimos compreender algumas coisas depois da despedida. Mas crescemos. E ainda temos muito que crescer.

Hoje

Anos depois, Deus nos chamou de um campo missionário para outro. Viemos para a Obra de Publicações. Novos desafios, novo campo de trabalho e novas perspectivas. Novas podas. Novas oportunidades e fases de aprendizado. Continuamos aprendendo ainda hoje.

Agora, temos duas igrejas que amamos. A igreja do Brasil e outras nações de língua portuguesa, e a igreja Casa Publicadora Brasileira. E quantas lições estamos aprendendo neste setor da Causa de Deus! O Senhor está nos mostrando sempre o

Lições do passado e do presente

quanto Sua Igreja precisa do bom alimento do Céu, e quão importante é que aqueles que preparam esse alimento se aproximem de Cristo e dEle busquem inspiração e poder; quão importante é "que os irmãos vivam em união" (Sal. 133:1), para que cumpram com eficiência a missão de espalhar as "folhas de outono".

Necessitamos de união com Cristo e com os outros. Precisamos aprender isso. Devemos viver e ensinar essa experiência, não importa o setor no qual estamos servindo.

Minha querida colega, esposa de pastor, unindo-se a Cristo e ao seu esposo – e ele unindo-se a Cristo e a você – verá que as lágrimas serão transformadas em sorrisos, as críticas servirão de estímulo. A dor será um instrumento de transformação, e as derrotas se transformarão em preciosas lições. E muitas vitórias serão, sem dúvida, conquistadas.

Porventura é você jovem e carente de experiência? Viva cada dia com alegria, entregando sua juventude e suas necessidades a Jesus. Erga seus olhos. Busque as alturas, como a águia. Esqueça os ciscos do chão; eles somente servem para alimentar os galináceos. Preocupe-se em amar e servir a Cristo. Tudo o mais será consequência disso.

Acaso está você no fim da carreira? Lembre-se de que o reino de Deus não dá lugar à indolência. Se você ainda tem saúde, esqueça as palavras inatividade e aposentadoria. Talvez seu esposo já nem esteja mais atuando como obreiro, mas, com certeza, Deus ainda tem um plano a ser executado por vocês. Mais leve, certamente; livre das imposições de horário, próprio para sua condição e idade.

Aproveite sua vivência para encorajar e animar outros, salvar perdidos. A velhice tem vantagens que podem fazer esquecer, pelo menos por algum tempo, as desvantagens. Logo Cristo estará aqui. Mantenha-nos firmes na bendita esperança do Seu glorioso retorno. □

A vez da igreja local

ALEX BRYAN

Pastor distrital em Gen Xers, Atlanta, Georgia, Estados Unidos



Eu estou ouvindo, mas não estou gostando.

Um professor de Religião falou-me sobre as igrejas existentes na área onde mora. "Para lhe dizer a verdade", ele afirmou, "não há uma única igreja saudável, vibrante, por aqui. Tanto as igrejas como a própria região estão moribundas."

Numa das comissões de planejamento para o evangelismo via satélite, a NET 98, falava-se sobre o número de reuniões que seriam realizadas. Um dos membros, admirado com o pouco número de reuniões, sugeri que as igrejas locais fossem incentivadas a assumir os estudos bíblicos com os interessados. Mas um administrador replicou, dizendo: "Isso já foi tentado, e

concluimos que não devemos depender das igrejas locais para esse trabalho. Simplesmente não funciona."

Conversando com um presidente de Campo, perguntei-lhe quantas das 100 maiores igrejas em seu território demonstravam possuir uma visão correta do ministério pessoal. Sua resposta foi: "Umas três, talvez quatro."

Um leigo ativo explicou o apuro que sentia ao ter que convidar seus amigos incredulos para as reuniões da igreja. "Não posso convidá-los. Não conheço uma só igreja em minha vizinhança, para a qual eu me sentiria confortável em levá-los."

Eu estou ouvindo, mas não estou gostando.

Igrejas doentes

Diante disso, fico me perguntando às vezes: Será que estou entendendo bem o que ouço? Ou estou realmente ouvindo vozes negativas, pessimistas?

Nos últimos meses, tenho participado de várias comissões, juntamente com outros pastores, administradores e leigos, que estudam a situação crítica de muitas igrejas. Aí, são apresentados excelentes relatórios sobre o crescimento de instituições de saúde, educacionais e de publicações. Fala-se sobre os programas via satélite. Mas o relatório sobre a igreja local, geralmente, denuncia estagnação. Não é que ela não tenha seu brilho. Em muitos casos, a chama ainda está bruxuleando; mas as histórias se parecem mais com um canto fúnebre do que com um coral cantando aleluias.

Muitos irmãos questionam por que devem assistir a seminários, ou estudar literatura, estranhos à nossa denominação para aprender sobre como tornar a igreja melhor. Eles estão ansiosos para fazer a igreja crescer dinâmica, entusiasta, cheia do es-

pírito. Têm uma fome intensa de ser parte da mudança de vida da igreja local, de capturar a adrenalina da Igreja apostólica.

Participação jovem

Poucas instituições universitárias denominacionais, se é que existe alguma, guardam estatísticas sobre a assistência à igreja por parte de seus alunos. Mas, depois de ter conversado com alguns recém-formados de várias faculdades, minha avaliação é que cerca de 50% a 80% de seus ex-alunos pouco participam na igreja que freqüentam.

"Os rumores são de que aproximadamente 60% continuam ativos", diz Bailey Gillespie, do Centro Acadêmico da Universidade La Sierra. "Mas é difícil determinar os números. O que é fascinante é que 95% dos jovens adventistas vêm-se comissionados por Jesus. A questão é que eles são menos leais à Igreja institucionalizada. Não a vêem como algo que alimenta sua fé."

Eu estou ouvindo, mas não estou gostando.

Particularmente creio que uma perigosa ilusão nos tem cegado os olhos. Enquanto nós cuidadosamente gerimos uma grande e sofisticada estrutura administrativa, um globalizado sistema educacional, um renomado conglomerado de saúde, além do crescimento de respeitabilidade teológica nos círculos cristãos sérios, a parte mais importante da Igreja – a igreja local – é atrofiada.

Creio que temos substituído a comunidade da igreja local pela organização religiosa. Temos nos enamorado das entidades designadas a apoiar o corpo, e esquecido o próprio corpo. Temos colocado a igreja como uma organização paralela. E isso é doloroso.

Aparentemente nos esquecemos de que escolas, casas publicadoras, hospitais, funções administrativas, são importantes apenas quando servem saudavelmente à igreja local. Se a comunidade local não se tornar saudável, esses ministérios perdem sua efetividade. De nada adianta todos os nossos hospitais curarem fisicamente o povo, se as igrejas locais não o cura espiritualmente. De nada adianta nossas escolas educarem jovens que nunca se tornarão ativos na igreja local. Ou se livros e revistas trazem maravilhosos artigos e idéias que nunca serão colocadas em prática na igreja.

Sem uma igreja local forte, tudo o mais resulta insignificante.

Nosso sistema falha quando a equipe de apoio brilha mais que a da própria igreja. Quando nossos recursos administrativos são melhores e em maior quantidade do que os da igreja local. Quando os mais modernos recursos tecnológicos estão nos escritórios dos Campos e instituições, enquanto uma antiga máquina de escrever é tudo o que existe na igreja. Sim, nosso sistema falha quando as expressões "subir" ou "cair" são relacionadas ao fato de um pastor ser transferido da igreja para um departamento ou função administrativa; e vice-versa.

O ano da igreja

Creio que a grande questão enfrentada pelos adventistas do sétimo dia, no limiar de um novo século, é: Como podemos tornar a igreja local a mola-mestra, em vez do elo fraco da corrente denominacional?

Freqüentemente, selecionamos um determinado ano para enfatizar um aspecto do nosso trabalho: "Ano da Mulher", "Ano do Evangelismo Jovem", "Ano da Oração", etc. Que tal separar a próxima década e nomeá-la "A Década da Igreja Local"? Devemos discutir seriamente sobre como restaurar a igreja local ao seu lugar próprio; comprometer-nos com a sua primazia, no contexto denominacional.

Há pelo menos cinco maneiras de efetivar esse processo.

1. Plantar novas igrejas. Isso não significa mais um programa opcional. O exemplo do explosivo crescimento da Igreja Primitiva mostra que é a própria vida de uma comunidade cristã. Quando uma igreja deixa de gerar outras igrejas, ela morre. Poucas coisas são tão espiritualmente animadoras como a sensação do surgimento de uma nova igreja.

Isso também pode nos levar a considerar a possibilidade de fechar algumas igrejas. Plantar e ceifar são atividades importantes para o crescimento. Muitas igrejas têm experimentado crescimento zero, durante anos, tornando-se mais perda do que ganho. Décadas de comodidade tornam-se perversão espiritual para algumas igrejas locais; e sua extinção torna-se a melhor decisão espiritual que poderia ser tomada. Ademais, devemos nos lembrar que Deus usa pessoas e igrejas por determinados períodos de tempo, incluindo começo e fim.

2. Inspirar os jovens. Não raro, destacados jovens em nossos colégios e universidades escolhem carreiras como medicina, administração, direito, entre outras. Embora sejam nobres ocupações, a igreja local clama por líderes efetivos que possam dirigir a visão de uma excitante comu-

Casas publicadoras, hospitais, funções administrativas, são importantes apenas quando servem saudavelmente à igreja local.

nidade bíblica. Devemos recrutar, sob a direção divina, "os melhores e os mais brilhantes" para o ministério. Através da história, Deus sempre necessitou de grandes líderes para promover o Seu reino. Agora não é diferente. Não devemos encontrar desculpas para não desafiar os jovens para a liderança espiritual. Uma infusão de juventude pastoral em nossas igrejas causará grande impacto.

3. Apoio das instituições. De maneira construtiva, deveríamos avaliar cada publicação, programa de trabalho e projeto dos Campos e instituições. É preciso analisá-los à luz das possibilidades e realidades da igreja local, a fim de termos uma idéia da efetividade dos programas. Então, poderíamos adotar aqueles que realmente

são uma ajuda, testar alguns que parecem viáveis, mas necessitam de ajustes, e eliminar os que não trazem benefícios.

Os departamentos e instituições devem ajudar, não complicar a vida da igreja.

4. Distribuição de recursos. Temos chamado a igreja local para apoiar instituições educacionais, programas administrativos, publicações, iniciativas evangelísticas, e um grande número de projetos dignos. Mas é preciso também apoiar a igreja local. Nossa "perigosa ilusão", a qual nos tem levado a focalizar especialmente sobre os projetos que "vêm de cima", é visualizada muito claramente em nosso sistema de alocação financeira. Há muitos recursos direcionados para esses projetos, e muito pouco para as iniciativas locais.

Muitas igrejas lutam com programas de construção, necessitam de equipamentos, e até secretária de tempo integral. Algumas necessitam dinheiro para fazer evangelismo. Precisam de recursos para desenvolver programas comunitários. E, como uma família adventista, devemos estudar e descobrir juntos como satisfazer essas necessidades, investindo mais recursos financeiros nas igrejas locais.

Alguns temem que esse tipo de apoio redunde em congregacionalismo doentio. Mas a visão mundial de uma Igreja que prioriza suas comunidades locais, nada precisa temer. Paradoxalmente, quanto mais for apoiada a igreja local, menor será o perigo da explosão de uma mentalidade congregacionista.

5. Criatividade e fervor. Não devemos esperar novos pastores, mais dinheiro, ou uma mudança de estrutura, para começar a plantar igrejas. O Deus que nos chamou deseja que sejamos criativos e fervorosos no desempenho de nossa missão. Não devemos transferir para outros o nosso trabalho. Uma aventura de fé nos aguarda. Devemos nos tornar um corpo de crentes nunca satisfeitos com a rotina.

A força da Igreja Adventista do Sétimo Dia, como instituição, reside na força de suas igrejas locais. A promessa do amanhã reside em nossa habilidade de produzir igrejas locais prósperas. A vitalidade de nossa mensagem e missão, nosso chamado profético, o futuro de nossos jovens, juvenis e crianças reside nos cuidados que lhes dispensamos. A igreja local é a Igreja. Devemos avançar destemidamente para cumprir o que Deus nos confiou. □

Objeções refutadas

ALBERTO R. TIMM

Ph.D., diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White, do Brasil, e professor no Salt-IAE



Várias cartas foram remetidas ao Centro de Pesquisas Ellen G. White,

indagando sobre o conteúdo de um artigo anônimo, publicado na revista *A Sentinela* (15/07/97), págs. 25 a 29, intitulado "O 'Juízo Investigativo': É uma doutrina baseada na Bíblia?" Embora as críticas contidas nesse artigo de uma revista das Testemunhas de Jeová não sejam novas ou originais, julgamos oportuno traçar alguns comentários a seu respeito, com o propósito de ajudar nossos leitores a esclarecer aqueles que, à semelhança dos bereanos (Atos 17:11), desejam conhecer a realidade acerca dos fatos.

A presente análise crítica tratará, inicialmente, das questões da confiabilidade e da atualização das fontes utilizadas na elaboração do referido artigo, bem como do grau de veracidade e precisão das informações históricas nele contidas. A abordagem se deterá, então, na avaliação crítica da validade do argumento de que a doutrina do juízo investigativo é destituída de base bíblica.

Quem lê o mencionado material, sem estar suficientemente familiarizado com as fontes por ele usadas, pode ser tentado a imaginar que ele está apresentando decla-

rações atuais, de teólogos adventistas reconhecidos. Isso se deve, em grande parte, pelo uso de uma linguagem com formas verbais no tempo presente, intercalada de citações não datadas de autores adventistas. Porém, uma análise mais detida do artigo revela a inquestionável realidade de que ele é fruto de uma pesquisa bibliográfica limitada, desatualizada e tendenciosa.

Fontes

O conteúdo básico do artigo está fundamentado em duas críticas publicadas no ano de 1980, desprovidas de qualquer endosso denominacional, por teólogos adventistas liberais como Raymond Cottrell e Desmond Ford.² A despeito da influência que exerceram no seio da Igreja antes de 1980, esses indivíduos não mais representavam nessa época o pensamento adventista oficial, e nem são reconhecidos hoje como teólogos de vanguarda da denominação. Além disso, nenhuma referência é feita no artigo aos mais de 25 importantes estudos relacionados com o santuário e o juízo investigativo, incluindo simpósios e teses doutorais, produzidos pela denominação a partir de 1979. O descaso por estudos mais recentes se deve, obviamente, ao fato deles não confirmarem as alegações do artigo em discussão.

É interessante notarmos ainda que a obra apologetica *The Four Major Cults* (1963), do autor evangélico Anthony A. Hoekema, é citada como correta em suas críticas à interpretação adventista de Daniel 8:14. Estaria o autor do artigo jeovista disposto a endossar também o conteúdo das quase 150 páginas dessa mesma obra³, dedicadas exclusivamente a criticar as Testemunhas de Jeová?

Distorções históricas

Com respeito às informações históricas contidas no artigo, não podemos deixar de mencionar, a bem da verdade, a existência de várias distorções e imprecisões inad-

missíveis. Já em seu primeiro parágrafo, o artigo afirma categoricamente que Guilherme Miller "havia dito que Jesus Cristo voltaria" no dia 22 de outubro de 1844 (pág. 25). Houvesse o autor do artigo lido mais atentamente a obra de Hoekema, por ele citada, teria descoberto que foi Samuel Snow, e não Miller, quem fixou essa data. Miller foi um dos últimos participantes do movimento a aceitá-la.⁴

No parágrafo seguinte, Ellen Harmon é responsabilizada de haver convencido, logo após o desapontamento de outubro de 1844, "um pequeno grupo de mileritas" de que "o cálculo de tempo feito por eles estava correto" e que "Cristo entrara então 'no lugar santíssimo do santuário celestial'" (pág. 25). É certo que a primeira visão de Ellen Harmon (dezembro de 1844) destacou a validade do movimento do outono de 1844, e que visões posteriores confirmaram a nova compreensão do ministério de Cristo no santuário celestial. Foi porém a contribuição de Hiran Edson, logo após o desapontamento, e a publicação do artigo de O. R. L. Crosier, em fevereiro de 1846, que lançaram as bases para a aceitação da doutrina do santuário por parte dos ex-mileritas que dariam origem ao movimento adventista do sétimo dia.⁵

Já Tiago White é apresentado, no terceiro parágrafo do artigo, como a pessoa que "cunhou" a expressão "juízo investigativo". Tal alegação demonstra que seu autor desconhece o fato de haver sido Elon Everts, e não Tiago White, quem primeiro usou essa expressão na literatura adventista, em uma carta datada de 17/12/1856, publicada na *Review and Herald* de 01/01/1857.⁶

A "Confissão de Fé" escrita por E. J. Waggoner, pouco antes de sua morte em maio de 1916, é qualificada como de autoria de um "influente adventista do sétimo dia" (pág. 26). Mais uma vez, o autor optou por não informar seus leitores que nessa época Waggoner não mais era um ad-

ventista. Propagando idéias panteístas desde 1894, Waggoner abandonara definitivamente a Igreja após sua esposa divorciar-se dele (1905), depois que ele cometeu adultério e contraiu núpcias com sua amiga Edith Adams (1906).⁷

Referência é feita a uma pesquisa de Raymond F. Cottrell com "27 teólogos adventistas de destaque", que "afirmaram que não existia nenhum motivo lingüístico ou contextual para aplicar Daniel 8:14 ao atípico dia da expiação e ao juízo investigativo" (pág. 27). Nem a mínima alusão é feita no artigo ao fato de que essa pesquisa foi realizada em 1958, portanto há 40 anos, e que uma nova pesquisa foi feita mais recentemente, em 1980, com um grupo bem mais expressivo de teólogos adventistas, e com resultados completamente diferentes.⁸

O artigo também menciona que "a Associação Geral designou uma 'Comissão de Problemas no Livro de Daniel'", composta por 14 membros, que estudou "as dificuldades em torno de Daniel 8:14", por cinco anos, sem "propor uma solução unânime" e sem publicar "nenhum relatório formal" (pág. 28).

Aqui, mais uma vez, os leitores são deixados em completa ignorância a respeito dos seguintes pontos: 1) A referida comissão funcionou nos idos da década de 60, sendo desfeita em 1966; 2) ainda em 1980, as principais críticas de Desmond Ford, bem como de Raymond Cottrell e Don F. Neufeld, à compreensão adventista do juízo investigativo pré-advento foram respondidas no relatório da Comissão Revisora do Santuário. Um relatório dessa comissão, que se reuniu em Glacier View, Colorado, EUA, em agosto de 1980, foi publicado em edições especiais das revistas *Ministry* (EUA), de outubro de 1980; e *O Ministério Adventista* (Brasil), de março/junho de 1981. 3) Em 1981, uma nova comissão (Comissão de Daniel e Apocalipse) foi estabelecida pela Associação Geral para um estudo mais detido dos livros de Daniel, Levítico, Hebreus e Apocalipse; 4) essa nova comissão publicou entre 1982 e 1992 uma série de sete volumes, da mais fina erudição, sobre a base bíblica da doutrina do santuário e do juízo investigativo pré-advento⁹; e 5) várias teses doutorais foram produzidas desde 1979, confirmando a interpretação adventista do Dia da Expiação e da purificação do santuário.¹⁰

Tais omissões, distorções e desatualizações históricas (intencionais?) conspiram contra quaisquer pretensões de honestidade histórica por parte do articulista. Houvesse o autor sido mais cuidadoso em datar certos

eventos e declarações, e em mencionar também as respostas providas pela denominação às acusações dos autores liberais por ele citados, não teria se tornado tão vulnerável às críticas de indivíduos que discordam de seu estilo apologético e parcial. Mas isso, com certeza, não seria de interesse para o autor, pois acabaria desfazendo a sua falsa insinuação de que os mais destacados eruditos adventistas contemporâneos continuam negando ainda hoje a existência de qualquer base bíblica para a existência de um juízo investigativo pré-advento.

A fundamentação bíblica

O artigo em discussão sugere, ecoando as críticas de Raymond Cottrell e Desmond Ford em 1980, que a doutrina do juízo investigativo repousa sobre dois falsos "esteios": 1) "O capítulo 8 de Daniel é relacionado com o capítulo 16 de Levítico" (pág. 26), e 2) "Daniel 8:14 é relacionado com o capítulo 9 de Hebreus" (pág. 28). A validade do "esteio um" é negada sob a alegação de que Daniel 8 não possui qualquer ligação lingüística com Levítico 16, e que a interpretação adventista de Daniel 8:14 desconhece completamente o contexto provido por Daniel 8:9-13 (págs. 26-28). Já o "esteio dois" é rejeitado sob a pretensão de que não existe qualquer conexão entre Daniel 8:14 e Hebreus 9.

É interessante notarmos que o argumento de que não existe qualquer relação de Daniel 8:14 com Levítico 16 e Hebreus 9 está baseada na falsa premissa de que tal relação só poderia existir se o termo "purificar" usado por Daniel fosse exatamente o mesmo de Levítico e de Hebreus. Esse tipo de arazoado, a despeito de ser usado também por Cottrell e Ford, é semelhante ao das Testemunhas de Jeová que negam a doutrina bíblica da Trindade, sob a alegação, entre outras coisas, de que esse termo não aparece nas Escrituras. A verdadeira questão, em ambos os casos, não é se o mesmo termo foi empregado, mas se o mesmo conceito está presente.

Uma análise da linguagem de Daniel 8 revela, em primeiro lugar, que o termo "santuário" (hebraico *qódesh*), usado nos versos 13 e 14 é o mesmo empregado em Levítico 16. Esse termo foi traduzido na Septuaginta, tanto em Levítico 16 como em Daniel 8, como *to hágion*. Já a palavra "transgressão" (hebraico *pesha*), que aparece em Daniel 8:12 e 13, é a mesma usada em Levítico 16:16 e 21 para designar as transgressões dos "filhos de Israel", que requeriam uma "expiação pelo santuário". Isso demonstra a existência de uma ligação lingüística entre

Daniel 8 e Levítico 16, que não pode ser desfeita pelo simples fato do termo hebraico para "purificar" ser *tahér* em Levítico 16:19 e 30, e *nisdáq* em Daniel 8:14.

O contexto provido por Daniel 8:9-12 fala da existência, não apenas de uma contaminação "por causa das transgressões" (v. 12), que necessitaria ser purificada, mas também de um destrutivo ataque ao "lugar do seu santuário", ao "sacrifício diário" e à "verdade" (vs. 11 e 12), que conseqüentemente precisariam ser restaurados e vindicados. Valendo-se do termo mais abrangente *nisdáq* em vez de *tahér*, Daniel 8:14 pode preservar o conceito de purificação, característico do Dia da Expiação, associando a ele também as noções de restauração e vindicação, necessárias devido à atuação destrutiva do "chifre pequeno" (v. 9).¹¹

Gerhard F. Hasel demonstrou de maneira clara e convincente que existem "várias conexões terminológicas diretas entre Daniel 8 e Levítico 16", e que o paralelismo entre os capítulos 7 e 8 de Daniel torna evidente que esse "é um juízo pré-advento que envolve investigação [Dan. 7:9-14] e purificação [Dan. 8:14]".¹² Jacques B. Doukhan, por sua vez, acrescenta que "já, do início do capítulo 8 [de Daniel], as imagens do carneiro e do bode pavimentaram o caminho para essa referência ao Dia da Expiação", pois "a associação desses dois animais ocorre precisamente naquele dia (Lev. 16:5, 6)".¹³

Em Hebreus 9:23 é dito que "as próprias coisas celestiais" haveriam de ser purificadas "com sacrifícios" superiores aos de animais. O verbo grego para "purificar", nesse texto, é *katharizô*, o mesmo termo usado pela Septuaginta em Lev. 16:19 e 30 e em Daniel 8:14. Não é sem motivo que o teólogo não adventista Friedrich Hauck reconhece que Hebreus 9:23 declara "que mesmo o santuário celestial necessita ser purificado".¹⁴ Alegar que não existe qualquer relação entre Hebreus 9 e Daniel 8 só pode ser o resultado de uma perspectiva exegética restrita que desconhece, quem sabe, intencionalmente, as grandes conexões temáticas das Escrituras.

É certo que os dois "esteios" mencionados são aspectos fundamentais de compreensão adventista do juízo investigativo; mas não podemos esquecer que a fundamentação bíblica dessa compreensão não repousa apenas sobre esses dois aspectos. Os pioneiros do movimento adventista viam, no consenso das Escrituras, pelo menos dez diferentes evidências a favor da existência de tal juízo. Tais evidências foram encontradas entre 1850 e 1863, por

exemplo, no típico Dia da Expição (Lev. 16; 23:26-32); no "peitoral do juízo" (Êxo. 28:15-30; 39:8-21); na cena judicial de Daniel 7:9-14; na parábola do banquete das bodas de Mateus 22:1-14; na abertura prévia dos "pecados de alguns homens" para "juízo" (I Tim. 5:24); no juízo da "casa de Deus" (I Ped. 4:17); o nome "Laodicéia" (Apoc. 3:14-22; no ato de medir "o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram" (Apoc. 11:1); na recompensa, por ocasião da Segunda Vinda, daqueles previamente reconhecidos como dignos de receber a vida eterna (I Cor. 15:51 e 52) e na proclamação de que é "chegada a hora do Seu juízo" (Apoc. 14:7).

Estudos mais recentes têm demonstrado que juízos investigativos do povo de Deus, provenientes dos santuários de Deus, não se limitam apenas ao período que antecede à Segunda Vinda de Cristo, mas ocorreram em diferentes épocas da história bíblica.¹⁵

William H. Shea identificou no Antigo Testamento várias alusões a juízos investigativos do povo de Deus e/ou a favor do povo de Deus, provenientes do tabernáculo mosaico, com veredictos favoráveis (Núm. 11, 17, 27) ou desfavoráveis (Lev. 10; Núm. 12, 14, 16, 20); do templo terrestre, tanto nos Salmos (Sal. 9, 50, 60, 73, 99) como nos profetas (Isa. 6:18; Ezeq. 1-10; Amós 1; Mal. 3); e do templo celestial, nos Salmos (Sal. 11, 14, 29, 53, 76, 102, 103) e nos profetas (I Reis 22; Miq. 1). Dessas alusões, talvez a mais impressionante seja a descrição do juízo investigativo de Judá, relatada em Ezequiel 1-10.¹⁶

Em relação com o Novo Testamento, merecem destaque alguns estudos produzidos por eruditos adventistas sobre as referências a um juízo investigativo pré-advento encontradas no livro do Apocalipse. Kenneth A. Strand, uma das maiores autoridades contemporâneas no estudo do Apocalipse, demonstrou, num artigo publicado em 1984, que a expressão "mede o santuário de Deus, o Seu altar e os que naquele adoram" (Apoc. 11:1) é uma expressão de juízo, cujos antecedentes são encontrados em Levítico 16.¹⁷ Já os estudos de Richard M. Davidson e de Jon Paulien, publicados respectivamente em 1992 e 1995, comprovam que Apocalipse 11:19 é uma visão do juízo investigativo pré-advento que transcorre no santuário celestial.¹⁸

Sem alternativas

Além das dificuldades mencionadas, reconhecemos como um dos pontos mais

fracos do artigo em discussão o fato dele apenas oferecer críticas negativas sem quaisquer propostas positivas. Em outras palavras, o autor simplesmente se limita a negar a validade da interpretação adventista, sem nem ao menos provar o leitor com interpretações alternativas mais convincentes nas quais ancorar a fé.

Se a compreensão adventista de Daniel 8:14 e Hebreus 9:23¹⁹ é destituída de base bíblica, qual então seria a melhor compreensão desses textos? Se é necessária uma direta ligação lingüística e contextual para que determinado assunto possua base bíblica, que ligação lingüística e contextual (e não alegórica) podem os jeovistas apresentar para fundamentar sua alegação de que os "sete tempos" de Daniel 4:16 significam 2.520 anos (607AEC-1914EC) e que a "árvore" de Daniel 4:23 representa o reino de Deus?²⁰

É interessante notarmos que o santuário é um dos temas predominantes das Escrituras. No Antigo Testamento, cerca de 45 capítulos do Pentateuco e aproximadamente 45 capítulos adicionais dos Profetas e dos Escritos tratam do santuário e de seus serviços, sem contar o livro dos Salmos, que compreendia a música do santuário.²¹ Já o Novo Testamento introduz a Cristo como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29), e aborda detidamente, em dois de seus livros (Hebreus e Apocalipse), o sacerdócio de Cristo no santuário/templo celestial.

Se o tema do santuário é tão amplamente abordado ao longo da Palavra de Deus, e se o verdadeiro filho de Deus é aquele que vive "de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mat. 4:4), por que então tantos professores cristãos, inclusive os jeovistas, são tão silentes sobre esse assunto e, se o abordam, simplesmente o fazem com o propósito de criticar a posição adventista? Até que ponto tal atitude pode ser considerada como resultante de uma leitura objetiva, sincera e imparcial das Escrituras? □

Referências:

- Raymond F. Cottrel, *Sanctuary Debate: A Question of Method*, Spectrum, 10/10/80, págs. 16-26.
- Desmond Ford, Daniel 8:14, the Day of Atonement and the Investigative Judgment Casselberry, FL: Evangelion Press, 1980.
- Antony A. Hoekema, *The Four Major Cults*; Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1963, págs. 223-371.
- Ibidem*, págs. 91 e 92.
- O. R. L. Crosier, *The Law of Moses*, Day-Star Extra, 07/02/1846, págs. 37-44.
- Elon Everts, *Communication from Bor. Everts*, Advent Review, and Sabbath Herald, 01/01/1857.
- David P. McMahon, *Ellet Joseph Waggoner: The Myth and the Man* (Fallbrook, CA: Verdict Publications, 1979, págs. 22, 147-184).
- Robert W. Olson, *101 Questões Sobre o Santuário e Sobre Ellen G. White*, 2ª ed. rev.: São Paulo, Centro de Pesquisas Ellen G. White, 1988, págs. 41-45.
- Os sete volumes produzidos pela *Daniel and Revelation*

Committee são os seguintes: William H. Shea, *Selected Studies on Prophetic Interpretation*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 1 (Washington DC: Biblical Research Institute, 1982), publicado em espanhol sob o título *Estudios Selectos Sobre Interpretación Profética* (Brasília: Ediciones Salt, 1990); Frank Holbrook, ed., *Symposium on Daniel: Introductory and Exegetical Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 2 (Washington DC: Biblical Research Institute, 1982); idem, ed., *The Seven Weeks, Leviticus, and the Nature of Prophecy*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 3 (Washington DC: Biblical Research Institute, 1986); idem, ed., *Issues in the Book Hebrews*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 4 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1989); idem, ed., *Doctrine of the Sanctuary: A Historical Survey (1845-1863)*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 5 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1989); idem, ed., *Symposium on Revelation, Book 1: Introductory and Exegetical Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 6 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992); idem, ed., *Symposium on Revelation, book 2: Exegetical and General Studies*, Daniel and Revelation Committee Series, vol. 7 (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992). Ainda em 1981, antes dos volumes acima serem publicados, o Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral já havia lançado o seguinte livro: Arnold V. Wallenkamp e W. Richard Leshner, eds., *The Sanctuary and the Atonement: Biblical, Historical, and Theological Studies* (Washington, DC: 1981, republicado em forma condensada em Frank B. Holbrook, ed., *The Sanctuary and Atonement: Biblical Theological, and Historical Studies*, (Silver Spring, MD: 1989).

¹⁵ Ver, por exemplo, Angel M. Rodriguez, *Substitution in the Hebrew Cultus*, Andrew University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 3 (Berrien Springs, MI, 1979); Arthur J. Ferch, *The Son of Man in Daniel 7*, Andrew University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 6 (Berrien Springs, MI, 1979); Richard M. Davidson, *Typology ub/Scripture: A Study of Hermeneutical Types Structures*, Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 2 (Berrien Springs, MI, 1981); Alberto R. Treyer, *Le Jour des Expiation et La Purification du Sanctuaire*, tese doucoral, (Université de Strasbourg, 1982), publicada de forma revisada e ampliada sob os títulos *El Dia de la Expiación y la Purificación del Santuario: En el Pentateuco, en los libros históricos, en los profetas, en Hebreos y en Apocalipsis* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1988) e *The Day of Atonement and the Heavenly Sanctuary from the Pentateuch to Revelation* (Siloam Springs, AR: Creation Enterprises International, 1992); Samuel Nuñez, *The Vision of Daniel 8: Interpretations from 1700 to 1800* [em realidade de 1900], Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series, vol. 14 (Berrien Springs, MI, 1987); Gerhard Pfandl, *The Time of the End in the Book of Daniel*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 1 (Berrien Springs, MI 1992); Brempong Owusu-Antwi, *The Chronology of Daniel 9:24-27*, Adventist Theological Society Dissertation Series, vol. 2 (Berrien Springs, MI, 1995).

¹⁶ Para um estudo mais detido do significado de nisdaq em Dan. 8:14, ver Niels-Erik Adreassen, *Translation os Nisdaq/Katharisthétetai in Daniel 8:14* em: Holbrook, ed., *Symposium on Daniel*, 475-496.

¹⁷ Gerhard F. Hasel, *The Little Horn, the Heavenly Sanctuary, and the Time of the End: Study of Daniel 8:9-14*, em Holbrook, ed., *Symposium on Daniel*, págs. 457, 458, 378-461.

¹⁸ Jacques B. Doukhan, *Daniel: The Vision of the End*, ed. rev. (Berrien Springs, MI; Andrew University Press, 1989), pág. 26.

¹⁹ Friedrich Hauck, em: Gerhard Kittel, ed., *Theological Dictionary of the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1965) 3:426.

²⁰ Ver por exemplo, Shea, I-24; Treyer, *El Dia de la Expiación y la Purificación del Santuario en el Pentateuco, en los libros históricos, en los profetas, en Hebreos y en Apocalipsis*; idem, *The Day of Atonement and the Heavenly Sanctuary from the Pentateuch to Revelation*.

²¹ Shea, I-24.

²² Kenneth A. Strand, *An Overlooked Old Testament Background to Revelation 11:1*; Andrews University Seminary Studies 22 (outono de 1984): págs. 317-326.

²³ Richard M. Davidson, "Sanctuary Typology" em: Holbrook, ed., *Symposium on Revelation - Book 1*, págs. 99-130. Jon Paulien, *The Role of the Hebrews Cultus, Sanctuary, and Temple in the Plot and Structure of the book of Revelation*, Andrews University Seminary Studies 33 (outono de 1995): págs. 245-264.

²⁴ Para uma compreensão adventista representativa do santuário e do juízo investigativo, ver *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*; Tauiá, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1995, págs. 407-430.

²⁵ Para uma exposição mais detalhada dessa interpretação jeovista de Daniel 4, ver *Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra*; Cesário Lange, SP, Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1983; págs. 138-141.

²⁶ Richard M. Davidson, *The Sanctuary and Adventism*, *Pré-sessão da Conferência Geral de New Orleans, Louisiana*, 24/06/1985, pág. 2.

Não estamos sós

R. WILLIAMS CASH

Diretor de Arquivos e Estatística da Associação Geral da IASD



Divulgação

“Ouvindo o Elias, envolveu o rosto no seu manto e, saindo, pôs-se à entrada da caverna. Eis que lhe veio uma voz e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Ten-

ho sido em extremo zeloso pelo Senhor, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a Tua aliança, derribaram os Teus altares e mataram os Teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuraram tirar-me a vida. Disse-lhe o Senhor: Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco e, em chegando lá, unge a Hazael rei sobre a Síria. A Jeú, filho de Ninsi, ungrás rei sobre Israel e também Eliseu, filho de Safate de Abel-Meolá, ungrás profeta em teu lugar. Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará; quem escapar à espada de Jeú, Eliseu o matará. Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou.” (1 Reis 19:13-18).

De todo o relato que envolve o profeta Elias nos capítulos 18 e 19, queremos focalizar sobre a última parte da história: a predição de Elias, feita a Acabe, relacionada à falta de chuva, o triunfo do profeta de Deus no monte Carmelo, a ira de Jezabel e o arrebatamento de Elias.

Entre as queixas que fez ao Senhor a respeito do povo entre o qual profetizava, Elias disse: “Senhor, sou o único que não dobrou os joelhos a Baal.” E Deus respondeu: “Não, ainda há sete mil que não o fizeram.” Esse é o ponto. Não estamos sós. Como adventistas do sétimo dia, em todo o mundo; na Divisão Sul-Americana e no Brasil, não estamos sós.

Somos uma grande família cristã, como membros da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, compomos a segunda maior Divisão do planeta! Somos 1 milhão e meio de membros neste grande Campo! Há mais adventistas do sétimo dia no Brasil do que em outro qualquer país do mundo.

A linguagem dos números

Más não estamos sós; e é bom refletirmos alguma vez sobre o que nossa Igreja verdadeiramente é.

Por exemplo, em todo o território da Divisão Sul-Americana, que se estende desde o Equador, ao Chile e Argentina, envolvendo o Brasil desde a foz do gigantesco Amazonas às cabeceiras do Orenoco, são mais de 1 milhão e 500 mil membros e mais de quatro mil grupos organizados. Cerca de um em cada seis adventistas do mundo vive nesse território. Quando chega o sábado, cada um de nós faz subir louvores e preces a Deus. Ouvimos a Palavra de Deus exposta através de dois mil pastores ordenados e ministros licenciados. Somos um em Seu Espírito, quer falemos castelhano, português, quichua ou inglês.

Que fantástica multidão de crentes! Os membros desta Divisão poderiam encher uma cidade do tamanho de Brasília, e fazer transbordar Montevidéu.

Quando chega o sábado, por ocasião do pôr-do-sol da sexta-feira, crentes adventistas do sétimo dia nas Ilhas Marshall e Nova Zelândia começam a deixar suas casas e se dirigir às igrejas. Ao mesmo tempo, os irmãos das partes mais orientais da Rússia se preparam para seus serviços de culto. Mais tarde, quando já é noite nessa região, os irmãos da Austrália e do Japão começam a adoração. Quatro horas antes, os irmãos indianos fazem o mesmo.

Enquanto você acorda na manhã de sábado, três milhões de irmãos já se encontram na Escola Sabatina e Culto Divino, em Harare, no Sul de Murmansk, e Reykjavik, no Norte, incluindo os membros nas Áfricas Ocidental e Oriental, bem como na Europa Ocidental. Enquanto cultuamos a Deus aqui, nesta Divisão, há outros 2 mi-

lhões e meio de irmãos semelhantemente indo à igreja, no restante das Américas. Ao cair da tarde, o sol finalmente se põe sobre a Ilha Pitcairn, o Alaska e as ilhas do Havai.

Mais de 9,5 milhões de adventistas do sétimo dia, no mundo, celebram o sábado. Eles se congregam em 43 mil igrejas, para não falar de outras 40 mil instituições que também promovem tais reuniões. Vinte mil pastores estão pregando seus sermões em mais de 700 idiomas diferentes. Quatorze mil novos membros estão sendo batizados e 38 novas igrejas organizadas. Dezoito milhões de dólares em dízimos, e oito milhões em ofertas, contribuirão para atender às necessidades ministeriais e missionárias da Igreja.

Juntos, os adventistas podem encher uma cidade como o Rio de Janeiro, e quase encher outra como Buenos Aires, México ou Bombaim. Em termos locais, a Igreja possui um número de membros três vezes maior que a população uruguaia, duas vezes mais que a do Paraguai. Temos mais membros que a população da Bolívia.

A Igreja opera 161 hospitais, 300 clínicas e ambulatórios. Nosso sistema educacional de 4.400 escolas primárias, 975 escolas secundárias, e 87 faculdades e universidades cada dia educam cerca de um milhão de jovens. Há escolas de medicina nos três continentes. As emissoras de rádio e televisão literalmente cobrem o mundo com seus satélites. Quinze mil líderes e assistentes atuam a partir dos 474 Campos locais, 90 Uniões e 12 Divisões mundiais.

Missão específica

O objetivo principal que desejo enfatizar é que somos uma grande multidão, não estamos sós. E, justamente como Elias teve a promessa da ajuda de Deus, também hoje temos a certeza de que Ele nos ajudará a cumprir nossa missão. Da mesma forma como Ele deu uma missão especial para Elias naqueles dias, tem também uma tarefa específica para cada um de nós como membros e líderes da Sua Igreja.

Essa missão não está limitada ao Brasil, nem somente à Divisão Sul-Americana, mas envolve o mundo inteiro. Façamos a nossa parte. □

Desperte a emoção

ALEJANDRO BULLON

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana da IASD



Divulgação

A esposa olhou para seu esposo pastor, depois de quase 30 anos de casamento, e disse: "Querido, nestes trinta anos de vida juntos, jamais guardei um segredo para você, mas agora quero lhe pedir um favor. Se um dia, em algum canto da casa, você encontrar uma caixa amarrada com uma fita vermelha, não abra. É o único segredo que eu gostaria que você respeitasse.

O marido prometeu que respeitaria o segredo, mas, quando a esposa saiu, ele começou a procurar por toda a casa e, finalmente, achou a misteriosa caixa. Foram momentos de luta e indecisão, entre abrir e não abrir, mas lamentavelmente acabou derrotado pela curiosidade. Abriu a caixa.

O que viu dentro dela aumentou mais ainda sua perplexidade. Ali estavam três ovos e dois mil reais em dinheiro.

Ao chegar a noite, não podendo mais entender a razão do conteúdo da caixa, procurou a esposa, confessou seu delito e foi perdoado por ela. Já aliviado pelo perdão, perguntou-lhe: "Por que tanto mistério? O que significam esses ovos e o dinheiro?"

"Bem, querido", respondeu a esposa, "eu gostaria de guardar esse segredo comigo, mas já que você abriu a caixa, preciso mesmo desvendá-lo. No dia em que nos casamos, disse a mim mesma que guardaria um ovo nessa caixa, para cada sermão fraco que você pregasse." O pastor ficou muito feliz com a descoberta. Na caixa só havia três ovos; e ele tinha quase 30 anos de ministério. Era uma média razoável. "E o dinheiro, o que significa?", perguntou ansioso. "Cada vez que eu ajunto uma dúzia de ovos, vendo-os e guardo o dinheiro aí", a esposa respondeu.

Isso pode ser engraçado, mas talvez seja a realidade de muitos pregadores.

Ser total

A verdade é que nenhum pregador deseja pregar um sermão fraco. Talvez por isso, nos empenhamos muito em pesquisar, construir um fundamento sólido para o sermão e apelar todo o tempo ao intelecto dos ouvintes, esquecendo-nos muitas vezes da emoção.

Com alguma frequência, ouvimos entre os pregadores a seguinte argumentação: "Eu sou um pregador racional. Não gosto de tocar as emoções, porque acho que levar as pessoas a tomarem decisões com base nas emoções, é a mesma coisa que construir uma casa sobre a areia." Mas até que ponto esse raciocínio é correto? Será mesmo que existe algo como pregação racional e emocional? Em caso afirmativo, qual delas é mais efetiva? É

possível achar lugar para a emoção, numa pregação racional e lógica?

O primeiro passo para entender qual é o papel da emoção na pregação é buscar compreender a natureza humana. O homem é uma pessoa vivente, com capacidades físicas, mentais e emocionais. Nenhum desses aspectos atua separadamente do outro. Os três encontram-se estritamente interligados, formando uma unidade indivisível. Esse é um fato que não pode ser questionado. Todos os feitos do homem são concretizados na sua unidade. No momento em que escrevo este artigo, por exemplo, onde estão minhas faculdades físicas? Tenho na mão uma caneta, meus olhos estão acompanhando o texto que está brotando; aqui estou sentado, sentindo o vento entrar pela janela. E minhas faculdades mentais? Igualmente estão aqui elaborando os pensamentos e dando à minha mão ordem para escrever. O que acontece com minhas faculdades emocionais? Estão aqui presentes, colocando calor e entusiasmo na redação da matéria.

Poderia minha mão escrever, enquanto minha mente estivesse ocupada com outros problemas, e minhas emoções estivessem descansando para entrar em ação à noite, no momento de apresentar a mensagem? Não. O ser humano é uma unidade indivisível. E sempre que alguém tenta dividir essa unidade, somente tem conseguido criar problemas para si e para outras pessoas.

Analisemos, por exemplo, uma pessoa que senta à mesa para tomar a refeição, e, enquanto sua boca mastiga e seu aparelho digestivo trabalha, ela sofre com a lembrança de algum problema que tem de ser resolvido durante o dia. Seu corpo está presente, mas não sua mente nem seu coração. O resultado será que logo começará a sentir dores no estômago, irá ao médico que dará o diagnóstico de uma úlcera. É

sempre assim. Do contrário, estaríamos indo contra a natureza humana. O ser humano é uma cabeça, um coração e um corpo, indivisivelmente unidos.

Intelecto e sentimento

Portanto, se você, como pregador, quer alcançar o ser humano em sua totalidade, deve alcançá-lo racional, emotiva e fisicamente. Caso se considere um pregador apenas racional, existe a possibilidade de ser incompleto. Afinal as pessoas para quem você prega não possuem apenas faculdades mentais. Você não fala a computadores programados simplesmente para pensar. Fala a seres humanos que, além de possuir faculdades mentais e físicas, têm emoções que estão presentes sempre, até nas coisas e situações mais corriqueiras da vida.

Volto a usar uma ilustração esportiva. Uma partida do campeonato mundial de futebol tem o Brasil como um dos competidores. Faltam cinco minutos para o final e o placar não foi movimentado. De repente, numa jogada genial, um atleta brasileiro escapa e faz o gol. Você está diante do aparelho de TV, assistindo ao jogo. Sua razão lhe diz que se a bola ultrapassou a linha sob a trave, entrou, é gol. Como reage? Sorri levemente e afirma que é gol, ou deixa a emoção explodir, gritando gol? Percebe a diferença? Se em algo tão simples e corriqueiro, não é possível separar as faculdades mentais, emocionais e físicas do ser humano, como pode alguém atrever-se a fazê-lo na pregação, que é tão solene e de conseqüências eternas?

Jamais devemos nos esquecer de que a pregação é a bendita arte de persuadir, fazer com que as pessoas sintam o desejo de tomar decisões. Persuadir não é obrigar, nem forçar, muito menos apenas expor. O homem faz algo porque sua mente compreende que deve fazer, e porque seu coração sente que quer fazer. Não existe persuasão sem alcançar o ser humano em suas três dimensões.

A ordem dos fatores

Mas existe um processo a ser seguido no desejo de ser bem-sucedido na bendita arte de alcançar o homem em sua unidade completa. Primeiro, é preciso trabalhar com a razão. Jamais comece com as emoções, porque elas são como a poeira no fundo de um balde com água. Se forem agitadas, levará algum tempo para que voltem a ficar assentadas. A razão não pode compreender muita coisa quando as emoções estão agitadas. Portanto, comece o sermão mostrando de maneira lógica que

$1 + 2 = 3$. Mostre o fundamento bíblico e racional de sua mensagem. Indutiva ou dedutivamente leve seus ouvintes ao entendimento racional da verdade.

A razão é como o fundamento de um prédio. Ela ajudará as pessoas na compreensão de que Jesus Cristo está ao seu lado, mesmo nos momentos em que sentem que estão abandonadas. A ordem do Mestre não se limita a pregar, mas também envolve ensinar. Cada sermão deve ser uma aula. Anselmo dizia que a teologia é "a fé procurando entender". Se isso é verdade, então cada pregador, de alguma forma, deve ser um teólogo. Não é suficiente apresentar as promessas divinas; é preciso dar o fundamento de tais promessas.

No entanto, explicar a verdade lógica e ficar somente nisso, é um grande erro. É preciso dar um segundo passo. Depois de ter a certeza de que os ouvintes entenderam a mensagem, mostre de que maneira ela funciona na vida diária. Em outras palavras, toque as emoções, faça com que os ouvintes sintam a mensagem. De que for-

Pregação é a bendita arte de persuadir o ser humano em suas três dimensões.

ma? Contando uma história triste para fazê-los chorar? Não. Despertar a emoção das pessoas usando relatos tristes é a mesma coisa como arrancar lágrimas espetando-as com um alfinete.

A melhor maneira de tocar as emoções é relacionar a verdade apresentada com as necessidades humanas. Como sabemos, todos os seres humanos têm necessidades que precisam ser satisfeitas. As pessoas vão à igreja esperando soluções divinas para suas tristezas, dificuldades e lutas, e o pregador tem a oportunidade de apresentar a verdade racional, mostrando como Deus, através dessas verdades, está preocupado em ajudar Seus filhos a serem felizes.

Não tenha medo de tocar as emoções. Com freqüência, a falta de emoção numa pessoa é a falta de entrega e dedicação ao que está fazendo. Só os mortos não têm emoções. Ellen White dá o seguinte conselho: "O alvo da pregação não é apenas

prestar informação, nem meramente convencer o intelecto. A pregação da Palavra deve apelar ao intelecto e comunicar conhecimento; deve ela porém fazer mais do que isto. As palavras do ministro devem alcançar o coração dos ouvintes." (*Testemunhos para Ministros*, pág. 62).

O grande problema é que, desde a nossa infância, estamos ouvindo dizer que "homem que é homem não chora". Então crescemos escondendo as nossas emoções, para não correr o risco de sermos confundidos com indivíduos frágeis. Mas quem poderia considerar Jesus um homem fraco, quando, antes da entrada em Jerusalém, chorou por causa da rebeldia de Seu povo? Aquelas lágrimas eram de fraqueza, ou eram lágrimas de um ser plenamente racional, que colocava vida e emoção naquilo que fazia? Em certa ocasião, Paulo escreveu "com lágrimas". Pode você imaginar o destemido apóstolo como um homem fraco somente porque apresentou sua mensagem lógica, carregada de emoção?

Mas o pregador precisa saber controlar suas emoções no púlpito. Não é nada agradável ver um pregador chorando descontrolado, enquanto prega. O público pode sentir a emoção de sua voz, pode até ver o brilho de seus olhos, ao ouvi-lo falar de assuntos de vida ou morte. Mas nunca deveria vê-lo desmanchar-se em lágrimas, lá na frente.

A reação

Ao longo de meu ministério, tenho visto muitas pessoas lutarem para entregar a vida a Cristo. Às vezes, a verdade lógica já foi apresentada; elas entenderam racionalmente que o caminho delineado por Jesus é o melhor para o ser humano. Sabem que o convite é de graça e que Jesus está com os braços abertos, esperando-as. Sabem que a vida passada lhes trouxe somente amargura, culpa e desespero. Entendem tudo, mas não sentem.

É então que começo a relacionar a verdade bíblica com as necessidades que elas possuem. Começo a descrever de maneira dramática essas necessidades, e as vejo inquietas, agitadas e nervosas no auditório. Algumas vezes, até vejo um lenço enxugando discretamente uma lágrima. Nesse momento, sei que a verdade lógica está começando a cobrar vida. Sei que elas estão sentindo vontade de aceitar uma verdade que seu intelecto já tinha compreendido, mas com a qual seu coração ainda não se havia comprometido.

Depois, quando faço o apelo, vejo essas

peçoas se levantando e vindo à frente. São peçoas maravilhosas, que viveram durante anos na escuridão da vida. Sofreram, machucaram-se a si mesmas e aos seus queridos. Tentaram ser felizes à sua maneira e saíram ainda mais feridas. Mas um dia assistiram a uma reunião evangelística onde foram vistas, não como computadores programados somente para pensar, mas como seres humanos que tinham também sentimentos e emoções. E o Espírito de Deus usou o pregador para alcançá-las em sua totalidade: mente, coração e corpo.

Há mais uma coisa: existem ocasiões quando o Espírito Santo usa outros recursos além da palavra falada. Há cantinhos do coração humano onde somente a palavra cantada pode alcançar. A música é a linguagem celestial. Não há coração que permaneça indiferente diante da mensagem cantada. Ela possui a capacidade de chegar aos recônditos mais difíceis, aparentemente inalcançáveis, do coração humano. Mais de uma vez, tenho observado em meus sermões peçoas que, durante toda a pregação, estiveram atentas à mensagem, entenderam a verdade lógica e racional, mas, permaneceram indiferentes ao apelo, mesmo tendo eu relacionado a ver-

dade intelectual com as emoções. De repente, porém, quando a música do apelo é cantada, posso ver a maneira poderosa como o Espírito Santo usa a vida e o ministério de uma peçoas dedicada à música, na resposta dos ouvintes.

Algumas peçoas me perguntam por que prefiro quase sempre cantores com vozes graves nos apelos. Contralto, entre as mulheres; barítono e baixo, entre os homens. Sopranos e tenores são vozes maravilhosas. É admirável ouvir um hino que alcança notas elevadíssimas. Desperta admiração. As vozes graves, ao contrário, quase não despertam admiração, mas têm a capacidade de penetrar fundo no coração e levar o ouvinte a uma atitude de meditação.

Para terminar, uma pergunta: Usar a emoção durante a pregação é mesmo construir sobre a areia? Depende. Se for alterada a correta ordem intelecto-emoção, o método pode ser fatal. Lembre-se: primeiro deve ser apresentada a verdade lógica, apelando à razão. Depois, o pregador deve descer ao coração e tocar as emoções. Assim mesmo, a pregação ainda estará incompleta se não comprometer o aspecto físico das peçoas com a mensagem.

Às vezes, encontro algumas peçoas, seis ou oito anos depois que elas se levantaram e atenderam ao apelo feito após um sermão. Outras vezes recebo cartas emocionadas, muitos anos depois de ser tomada a decisão de seguir a Cristo Jesus. É admirável comprovar como a fé dessas peçoas cresceu, amadureceu e produziu frutos. Eis um exemplo:

"Minha vida estava como um vaso quebrado", escreveu Rosalina. "Meus sonhos tinham-se desvanecido, um a um; meu casamento tinha acabado, e eu havia sido demitida do emprego ao qual dediquei 13 anos de minha vida. Estava deprimida e quase não tinha forças para andar, quando o ouvi pregar. Então, aprendi que não estava só, senti que devia entregar minha vida a Jesus, e o fiz. Hoje estou saudável novamente, arranjei um bom emprego e aguardo em Jesus um plano para reconstruir um lar, inteiro, sem rachaduras."

Quando recebo cartas como essa, sinto que vale a pena ser um pastor e pregador. Compensa dedicar muitas horas ao estudo da Palavra de Deus e transmiti-la com equilíbrio, tentando alcançar o ser humano em sua unidade completa e indivisível. □

Manual Pode Procedimentos

80
páginas

Para as Reuniões Administrativas da Igreja

7 razões

para você adquirir este manual

1. Traz princípios e regras para sessões administrativas da igreja.
2. Apresenta os deveres e direitos dos membros e oficiais em reuniões administrativas.
3. Contém regras do discurso e do uso da palavra.
4. Apresenta normas de ética para o funcionamento de comissões.
5. Contém sugestões de como apresentar assuntos a uma assembleia.
6. Traz regras para a consideração e discussão de propostas (moções).
7. Contém citações de Ellen G. White sobre comissões e reuniões administrativas.

Procure no SELS mais próximo ou peça diretamente à

**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**



Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000 - Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900

Cristo e a eucaristia

WILSON BORBA

*Diretor de Publicações
da Associação Planalto Central*



Divulgação

Milhares de adventistas no Brasil são oriundos do catolicismo romano. Em maior ou menor grau, foram anteriormente influenciados a crer que Cristo está presente e morto nos elementos do pão e vinho eucarísticos. Diante disso, é importante conhecermos um pouco sobre a origem e o desenvolvimento da doutrina da transubstanciação. Sintetizar a história e o desenvolvimento desse ensinamento é um desafio. São mais de 1.500 anos de história. A questão é difícil, até porque, segundo Her-

mann Sasse, "nenhum livro sobre assunto dessa espécie foi escrito ou poderá ser escrito com absoluta imparcialidade".¹

Os primeiros ensaios da doutrina da transubstanciação surgiram durante a Era Patrística, aproximadamente entre os anos 100 e 600.

De Inácio a Jerônimo

A carta de Inácio de Antioquia aos romanos, escrita aproximadamente no ano 110, apresenta fortes ensaios da transubstanciação. Parte da carta diz: "eles se abstêm da eucaristia e da oração, porque não admitem que a eucaristia seja a carne do Salvador Jesus Cristo, a carne que sofreu por nossos pecados, a carne que o Pai por Sua bondade a ressuscitou. Eles pois que contradizem o dom de Deus morrem em suas discussões."²

Tem-se dito que, por este escritor ter vivido num tempo em que predominava a heresia dos docetistas, os quais afirmavam que Jesus não viera em carne, declarações tais como essa são compreensíveis dentro do contexto que o cercava. Aparentemente clara, a posição de Justino Mártir tem gerado muitas discussões. Cerca do ano 150, enviou ao imperador romano, Antônio Pio, duas apologias em que defende a fé cristã. Sobre a eucaristia, afirmou: "Mas da mesma forma que pela Palavra de Deus, Jesus Cristo encarnou, tornou carne e sangue para a nossa salvação, assim também este alimento, que se tornou Eucaristia graças à oração formada das palavras de Cristo que sustenta e assimila à nossa carne e o sangue de Jesus encarnado: tal é a doutrina que nós recebemos."³

Essa antiga declaração de Justino Mártir tem sido criticada como imprudente, pois em outras passagens no Diálogo de Trifo

ênfata apenas um sentido metafísico para a Ceia do Senhor.

Irineu, bispo de Lion, martirizado no ano 202, escreveu contra os gnósticos, e sobre a eucaristia declarou: "Porque nós oferecemos a Deus coisas de Sua própria criação e anunciamos a comunhão da carne com o Espírito; porque assim como o pão, produto da terra, quando recebe a invocação de Deus, não é mais pão comum, mas Eucaristia, consistindo de duas realidades, uma terrena e outra espiritual, assim também nosso corpo quando recebe a Eucaristia não é mais corruptível, mas possui a esperança da ressurreição para a eternidade."⁴

Segundo alguns, essa declaração de Irineu não fundamenta a transubstanciação. Estaria afirmando apenas que os cristãos não deveriam receber a Ceia do Senhor simplesmente como uma realidade de coisas terrenas como o pão e o vinho, produtos da terra, mas como coisas sagradas. Orígenes (185-253), célebre professor da Escola de Alexandria, destacou-se pelo uso da interpretação alegórica tal como escreveu: "Ninguém poderia escutar a Palavra de Deus, se não fosse santificado, quer dizer, se não é santo de corpo e de espírito e se não lavou as suas vestes. Dentro de alguns instantes ele vai entrar no banquete nupcial, vai comer a carne do Cordeiro, vai beber o sangue da salvação. Que ninguém entre nesse banquete de vestes poluídas."⁵

Até aqui, apresentamos declarações de pais da Igreja do segundo e terceiro séculos. Não há condições de se estabelecer a doutrina católica romana da transubstanciação tal como ela é hoje, ou pelo menos como foi na Idade Média, se procurarmos suas bases em afirmações do primeiro e

segundo séculos. Elas são esparsas, denotando que o foco da atenção daqueles teólogos não era o mesmo da Idade Média, como ainda veremos.

Estabelecer a transubstanciação fica mais difícil quando chegamos a Agostinho, bispo de Hipona, África, após o ano 300. É considerado pela Igreja Católica Romana o mais douto dentre os santos e o mais santo entre os doutores. Esse pai da Igreja foi anti-realista em relação à Ceia do Senhor; não aceitava a presença real do Senhor Jesus Cristo, morto ou vivo, nos elementos da eucaristia. Apresentou uma interpretação simbólica para as palavras de Cristo: "Quem ousará comer a seu Senhor? Eu sem embargo disse: Ele que me come, vive em mim. Comer a Cristo é comer a vida. Não é morto para ser comido, antes Ele vivifica os mortos... Seja comido Cristo; comido vivo, porque da morte ressuscitou."⁶

Pelo que se pode notar, Agostinho cria no Cristo presente na Ceia, mas não morto. Sua presença não poderia ser nos elementos, porque, segundo suas palavras, ninguém deveria ter a pretensão de comer a seu Senhor. Tratava-se de uma presença espiritual e viva, pois Ele já havia ressuscitado. Esse pensamento influenciou muito a Berengário, no século XI, e a Lutero, monge agostiniano e principal reformador do século XVI.

Lutero, porém, desenvolveu, em contraposição à doutrina da transubstanciação, a doutrina da consubstanciação, ensinando a presença de Cristo vivo embaixo e por cima dos elementos do pão e do vinho eucarísticos. Ele não poderia basear-se totalmente em Agostinho para desenvolver a consubstanciação, pois este não chegou a definir uma possível presença de Cristo vivo nos elementos ou embaixo deles.

É justamente em Agostinho e em Ambrósio que se tornam distintas duas linhas teológicas que iriam causar influência em teólogos futuros, como Pascásio Radberto, no século IX; Berengário, no século XI; Lutero, Calvino e Zwinglio, no século XVI, estendendo-se aos nossos dias. Enquanto Agostinho propunha uma interpretação simbólica para as palavras de Cristo quanto ao pão e ao vinho, na instituição da Ceia, Ambrósio é a grande autoridade no realismo sacramental que prevaleceu nos séculos seguintes. Falando da transformação operada na eucaristia, escreveu: "Reconhecemos que isto não é o que a natureza formou, mas o

que a bênção consagrou e que a força da bênção ultrapassa a força da natureza, porque pela bênção a natureza se encontra transformada... A palavra de Cristo que pode fazer do nada o que não existia, então não poderia mudar as coisas existentes naquilo que elas não eram ainda? Porque quem dá a natureza às coisas a 'fortiori' pode mudá-la."⁷

É interessante que a Idade Média não conseguiu descobrir a diferença e notar as duas linhas de pensamentos antagônicos desses pais da Igreja. Foi somente a partir do século IX que a polêmica quanto à presença real se tornou importante, e quando a Igreja sentiu necessidade de definir o dogma. Por quase 500 anos, os dois tipos de sacramento coexistiram lado a lado.

A presença real do corpo e do sangue de Cristo não podia ser entendida de maneira mais realista ou mais espiritual. A diferença podia ser tolerada porque a questão quanto à relação que realmente existe entre o corpo do Senhor crucificado e ressurreto, de um lado, e o corpo de Cristo no sacramento, do outro, ainda não se tornara problema teológico. É apropriado consultar Jerônimo, um dos mais cultos entre os pais da Igreja, falecido no ano 420. Em seus escritos, nada há que se pareça com a presença real. São suas estas palavras, na Epístola 98:13: "O pão representa o corpo de Cristo e a eucaristia é um memorial da redenção."⁸

De Pascásio ao Concílio de Latrão

O desenvolvimento da doutrina da transubstanciação ocorreu de forma lenta e sem grande resistência, nos primeiros séculos. A influência do realismo sacramental de Ambrósio de Milão foi, porém, decisiva para o estabelecimento da doutrina a tal ponto que nenhum teólogo do início da Idade Média jamais duvidou serem o pão e o vinho respectivamente o corpo consagrado e o sangue de Cristo. O único caso de um encontro tratar da eucaristia foi incidental. O Sínodo 787 (Nicéia II) decidiu em favor da adoração de ícones ou imagens, rejeitando a resolução anterior, tomada pelo Sínodo de 754. Este havia se posicionado contra a adoração de imagens na Igreja, a não ser a imagem de Cristo nos elementos da eucaristia.

Comentando a decisão do Sínodo de 787, Hermann Sasse declara: "A decisão de 787 pressupunha a doutrina e assim entendeu a questão em parte, que o pão e o vinho consagrados não são imagens, figu-



ras ou símbolos, mas são o verdadeiro corpo e sangue de Cristo."⁹

O começo das discussões teológicas mais acirradas em torno da eucaristia aconteceu no ano 831, com o lançamento de uma obra favorável à transubstanciação, o primeiro livro medieval sobre o assunto, escrita por Pascásio Radberto. Abstenendo-se de usar a palavra transubstanciação, ele a substituiu por "transformação". A esse teólogo coube o mérito de ter, pela primeira vez, estabelecido a diferença entre a substância e a espécie na eucaristia. Radberto cria no milagre da consagração, segundo o qual o pão e o vinho se-



riam transformados em corpo e sangue reais de Cristo, sendo o próprio corpo que nasceu da virgem Maria, foi crucificado e ressuscitou dos mortos

Ratramno, um de seus principais oponentes da época, não negava que o pão e o vinho consagrados eram o corpo e o sangue de Cristo, mas distinguia o corpo do sacramento do corpo histórico. Para ele, os elementos não eram transformados e permaneciam pão e vinho reais. Apenas virtualmente eram o corpo e sangue de Cristo.

Historicamente, existem três interpretações para o acontecimento e significado

da Ceia do Senhor: sacrifício, comemoração e celebração.

Eucaristia como sacrifício é a linha teológica que segue a interpretação de Ambrósio de Milão e a de Pascásio, a qual foi instituída pelos concílios na Igreja Católica Romana. A idéia de comemoração segue o pensamento de Rabano Mauro, no século IX (em oposição a Radberto), e por Berengário, no século XI, alcançando seu grande defensor no reformador suíço do século XVI, Ulrico Zwínglio.

Os que vêm na Ceia do Senhor uma comemoração, fundamentam-se nas palavras de Cristo: "... fazei isto em memó-

ria de Mim" (Luc. 22:19), procurando apoio também em Agostinho, uma vez que ele rejeitou a presença de Cristo morto nos elementos.

O aspecto de celebração é característica do pensamento de Agostinho, Lutero, Melancton e Calvino, com alguma diferença entre este e Lutero. Esse conceito rejeita a interpretação da Ceia como sacrifício, considerando-a um absurdo, recusando igualmente a idéia de comemoração.

Pascásio explicava a transformação ou conversão dos elementos no corpo e sangue de Cristo como um mistério. Segundo alguns autores, isso representava herança de Agostinho, o qual em sua teologia mostrou-se influenciado pelo neoplatonismo. Acredito que o pensamento do bispo de Hipona constituía uma barreira para os intérpretes realistas e, até certo ponto, dividia as opiniões. Sendo a maior autoridade teológica entre os pais da Igreja, Agostinho iria afetar o trabalho de quase todos os teólogos, incluindo Pascásio, que se posicionou no extremo com o radicalismo sacramental, explicando a transformação dos elementos como uma conversão misteriosa.

Em 1088, ouviu-se forte voz em oposição à presença real de Cristo morto nos elementos da eucaristia. Berengário, arcebispo da igreja de Angers, França, e professor da Teologia, em sua obra *A Sagrada Cena Contra Lanfranco*, manteve a tese agostiniana, defendendo a presença simbólica. A referência feita ao pão e ao vinho, como corpo e sangue de Cristo, ensinava Berengário, é figurada. Foi a partir do século XI que as duas linhas de interpretação se tornaram mais visíveis e claras: de um lado, os realistas, seguindo Pascásio Radberto; e, do outro lado, os simbolistas, seguindo Berengário, que foi bem mais longe do que Agostinho, combatendo o "mistério" dos gregos com racionalismo, e considerando a presença real como absurdo lógico e contrário ao "culto racional" de Rom. 12:1.

A diferença básica entre Berengário e Agostinho, nesse assunto, é o racionalismo do primeiro em contraposição ao misticismo neoplatônico do segundo. O resultado mais importante da controvérsia berengária foi a definição dogmática que, para a Igreja Romana, solucionou as disputas em torno da presença real. Em 1097, Berengário foi forçado a aceitar uma fórmula pela qual se entendia a conversão ou transformação como significando que o corpo de Cristo era "despedaçado pelos

fiéis". Suas obras foram condenadas à fogueira e ele veria o mesmo fim, se não tivesse se retratado com juramento.

O cardeal Belarmino, que viveu alguns anos após o Concílio de Trento, confirmou o que foi exigido de Berengário: "Dizemos que o corpo de Cristo colocado sobre o altar, verdadeira e propriamente é posto, tirado, levado das mãos à boca, e desta ao estômago; e isto mesmo foi Berengário obrigado a reconhecer no concílio celebrado em Roma no pontificado do papa Nicolau; que o corpo de Cristo era sensivelmente tocado e partido pelas mãos do sacerdote."¹⁰ O próprio Berengário, envergonhado por sua negação, mais tarde escreveu: "Confundido pela loucura do papa, e porque Deus, punindo-me por meus pecados não me deu um coração mais firme, lancei-me no chão e confessei com ímpia voz que tinha errado, temendo que o papa anunciasse imediatamente contra mim a sentença de excomunhão e que como necessária consequência, a população me levasse à pior das mortes."¹¹

Não obstante essa tremenda coação, a doutrina da presença real de Cristo morto nos elementos e comido pelos fiéis, estava ainda longe de sua vitória. Embora não abertamente, por medo de opressão, havia os defensores das idéias de Berengário. A luta estava se acentuando e o IV Concílio de Latrão, realizado em 1215, veio colocar um ponto final na luta, dando ao novo dogma o cunho de oficialização.

A palavra transubstanciação apareceu no Concílio de Latrão, no pontificado de Inocêncio III, em novembro de 1215, na primeira parte dos 70 capítulos que se supõe haverem sido redigidos pelo próprio Inocêncio III, e que se referiam à extirpação das heresias. Entre as decisões de Latrão, citamos os sete pontos seguintes:

"1) Que Jesus Se acha presente na Eucaristia todo inteiro em corpo, sangue, alma e divindade, real e substancialmente, e não em sinal, figura ou virtude; 2) que não resta substância alguma do pão e do vinho unida ao corpo e ao sangue, senão as meras aparências; 3) que Cristo Se acha todo inteiro sob cada uma das espécies e sob cada uma de suas partes destacadas; 4) que o corpo e o sangue existem não somente quando se recebem, mas antes e depois; 5) que o verdadeiro corpo do Senhor permanece inteiro em todas as hóstias que restam depois da comunhão; 6) que Cristo, filho único de Deus, deve ser adorado no santo sacramento, ainda exte-

rior conforme os ritos e ofertas da Igreja; 7) que é comido não só espiritualmente, mas também real e sacramentalmente."¹²

Precisamos honestamente reconhecer que a dogmatização da transubstanciação não foi suficiente para silenciar as objeções e que agora começaram a surgir perguntas mais difíceis de responder, tais como: "Se realmente ocorre um milagre de transformação, porque o pão e o vinho permanecem com a mesma aparência?" O Concílio de Latrão simplesmente afirmou a transformação dos elementos, mas não explicou como ela ocorria.

Era fácil condenar os pontos de vista de Berengário e obrigá-lo a retratar-se; difícil, porém, foi refutar as seguintes objeções: "Qual é a relação entre o corpo de Cristo

Não é a questão dos pobres a mais importante. O grande tema para a Igreja Católica Romana é o projeto eucarístico.

que está no Céu e o corpo de Cristo no sacramento? Se Seu corpo deve estar no Céu e na Terra ao mesmo tempo, como pode estar sobre muitos altares simultaneamente? Como se pode explicar que a conversão da substância deixa todos os acidentes do pão e do vinho inalterados?"¹³

De Tomás de Aquino a Trento

Tomás de Aquino (1225-1274) é o teólogo católico medieval cujas sínteses da teologia cristã e da filosofia de Aristóteles se tornaram um clássico da teologia católica por vários séculos. Tomás de Aquino é considerado entre os doutores católicos como o teólogo clássico no campo da doutrina eucarística. Foi ele quem deu à Igreja Romana aquele conceito de transubstanciação que essencialmente se tornaria o dogma de Trento. Aquino procurou explicar a transubstanciação através

da filosofia aristotélica. A grande vantagem dessa interpretação do dogma era que o milagre da transubstanciação situava-se na esfera da metafísica e da espiritualidade. Esse foi o mais flagrante exemplo da grande síntese entre a fé cristã e a filosofia aristotélica.

A doutrina da transubstanciação tal como foi formulada por Tomás de Aquino contém a doutrina da concomitância. Segundo a teoria de Aquino, o sangue de Cristo está junto com o corpo depois da consagração do pão, e, igualmente, o corpo com o sangue depois que foi consagrado. O corpo e o sangue, além disso, se fazem acompanhar pela alma de Cristo e por Sua natureza divina. O Concílio de Trento (1545-1563) aceitou e confirmou a doutrina de Aquino sobre essa questão, incluindo expressamente a alma e a divindade de Cristo na concomitância. Mais tarde, o papa Paulo VI, referindo-se à doutrina tomista, afirmou: "A Igreja quis reconhecer na doutrina de São Tomás de Aquino, a expressão particularmente elevada, completa e fiel, quer do seu magistério, quer do *sensus fidei* de todo o povo de Deus."¹⁴

É assim que Aquino explicou a transformação da substância dos elementos enquanto eles permaneciam inalterados. "A substância que é sujeito tem duas propriedades: primeiro, não ter necessidade de um fundamento intrínseco para ser sustentada, mas sustenta-se a si mesma; segundo, ser fundamento dos acidentes, sustentando-os e por isso diz-se que substância. Acidente é o ser cuja essência deve estar em outra coisa. Convém que o ser deles seja acrescido ao ser da substância e dependa desta. A substância, diz Aristóteles, é o simples ser e se realiza por si mesma; todos os outros gêneros de seres diversos da substância são seres de certo modo e existem pela substância. Por conseguinte, a substância é o primeiro entre os seres."¹⁵

Em sua Sessão XIII, de 11/10/1551, o Concílio de Trento afirmou a presença real como uma "conversão" do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo, conversão esta também chamada de transubstanciação. Tomás de Aquino deu um toque refinado à doutrina da transubstanciação, o que salva a Igreja Católica de ser acusada de ensinar canibalismo ou propor na missa o "almoço" de Cristo morto e presente. Diante da acusação de magia na missa, os teólogos católicos se defendem dizendo

que não são pronunciadas palavras mágicas e que eles não fazem qualquer milagre; pois as palavras são de Cristo e Ele mesmo é o consagrador dos elementos.

Em terminologia moderna, o que o Concílio de Trento definiu poderia ser expresso da seguinte maneira: o pão e o vinho, sem perder suas propriedades, ou, sem que alguma mudança tenha acontecido neles no plano do fenômeno, deixaram de ser no plano metafísico o que eram; ao invés, sobre este plano Jesus Cristo mesmo tornou-Se presente de modo misterioso.

Depois de Trento

Não seria de esperar, que, após as declarações do Concílio de Trento, um cardeal da Igreja Católica Romana tivesse a coragem de admitir com dúvida que o texto bíblico referente à instituição da Ceia do Senhor fosse suficientemente explícito para se concluir que ocorra a transubstanciação: "Não é de todo improvável que não haja na Escritura passagem clara e expressa que prove a transubstanciação, sem a declaração da Igreja."¹⁶

Outro fato notável é que a Igreja Ortodoxa Grega, a qual antigamente estava em comunhão com as igrejas do Ocidente, jamais creu na doutrina da transubstanciação. Para a Igreja Oriental, o corpo e o sangue de Cristo são verdadeiros mistérios que não são mudados em carne humana. A Igreja Católica Romana tem oficialmente sua doutrina ligada ao Concílio de Trento. Atualmente, porém, outras explicações pretendem substituir a interpretação escolástica, por terem outras filosofias tomado o lugar do pensamento tomista. F. X. Durrwell, teólogo católico moderno, expressa a nova tendência da interpretação: "Não se fala mais de uma substância nova, mas de determinação de um novo sentido."¹⁷

Ora, essa nova tendência no catolicismo, analisada à luz da História, é a voz abafada dos simbolistas descendentes de Agostinho e Berengário que está tentando tomar o lugar dos realistas descendentes de Ambrósio e Mascásio. Como está claro, a Igreja Católica é conservadora, mantendo-se fiel às declarações de Trento; este é um assunto a respeito do qual poucos expressam opinião. O próprio Durrwell, embora aponte a existência de tendências simbolistas, declara-se conservador das idéias tridentinas: "Nem o pão, nem o vinho, nem a refeição, nem a assembléia, sejam eles compreendidos segundo uma filosofia de intenção ou de

natureza, poderão justificar a presença eucarística."¹⁸

Nota-se, porém, que já há uma certa abertura da Igreja para o diálogo, principalmente tendo em vista o ecumenismo. Isso se torna evidente quando um novo elemento, por muito tempo esquecido, é introduzido no assunto da eucaristia, o Espírito Santo: "Quando Ele Se torna presente para a Igreja na Eucaristia, é pela força do Espírito que o pão e o vinho se tornam o corpo e o sangue de Cristo. É pelo Espírito Santo que a igreja se torna o corpo de Cristo, o sacramento na presença do mundo do Cristo pascal."¹⁹ O método de Durrwell é "explicar" como se realizaria a transubstanciação fugindo do aristotelismo de Tomás de Aquino. Mas se alguém afirma que a eucaristia perdeu sua importância dentro da Igreja Católica romana está enganado. É seu propósito fazer desse assunto "o projeto do mundo, a direção da história, isto é, o projeto eucarístico".²⁰

Não é a questão dos pobres a mais importante. O grande tema para a Igreja Católica Romana é o projeto eucarístico. Pode-se falar da eucaristia como visitação, refeição, encontro, projeto, reconciliação, festa, celebração, comunhão ou sinal de unidade, mas a Igreja dirá: A eucaristia é muito mais do que isso: é a presença e o sacrifício de Cristo.

Karl Rahner, um dos principais teólogos católicos da atualidade, e talvez o mais ecumênico entre eles, produziu um livro no qual fala sobre a presença real de Cristo em termos de "visita". Ele procura conciliar católicos e evangélicos, propondo a necessidade dessa visita pelo fato de que Cristo tem prazer em estar conosco, ser honrado e adorado. Lembra que a estrutura básica da eucaristia é um banquete, mas não decepciona os católicos conservadores: "Este princípio implica certamente a presença real de Cristo, pois o alimento oferecido não é senão o Seu corpo e o Seu sangue, mas vai mais além desta simples afirmação, pois apresenta-se como sendo destinado a ser tomado como alimento."²¹

Não se vê, ecumenicamente falando, alguma concessão da parte da Igreja Romana no que se refere à eucaristia. A caminhada em direção ao diálogo é visível, mas a questão permanece no mesmo ponto: o fiel católico realmente crê que, por um milagre de fé, o pão e o vinho deixam de ser o que eram antes, transformando-

se na carne e sangue reais de Cristo, o qual é partido e comido em todas as missas. É muito apropriado saber o pensamento do papa João Paulo II, que tem pregado o diálogo entre católicos e evangélicos, e é considerado o papa mais missionário de todos os tempos.

Diz ele: "O sacerdócio ministerial ou hierárquico, o sacerdócio dos bispos e dos presbíteros e, ao lado deles, o ministerio dos diáconos, estão em relação muito íntima com a Eucaristia. Esta é a principal e central razão de ser do sacramento do sacerdócio, que nasceu efetivamente no momento da instituição da Eucaristia e juntamente com ela. Não é sem motivo que as palavras 'faça isto em memória de Mim' são pronunciadas imediatamente depois das palavras da consagração eucarística, e que nós as repetimos todas as vezes que celebramos o santo sacrifício."²²

Por esta e outras declarações do líder maior da Igreja Católica, é evidente a importância que essa Igreja dá à eucaristia como sacrifício. João Paulo II é guardião da transubstanciação, pois se realmente ocorre o sacrifício de Cristo na eucaristia, são necessários os altares, as missas e os sacerdotes. Caso contrário, toda a estrutura eclesiástica da Igreja estaria abalada, pois tanto altares, como missas e sacerdotes seriam desnecessários. □

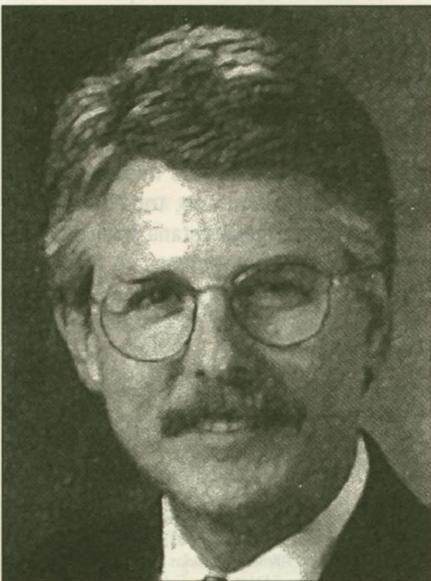
Referências:

- ¹ Hermann Sasse, *Isto é o Meu Corpo*, Porto Alegre: Casa Publicadora Concórdia, 1967, pág. 5.
- ² Raphael Gióia Martins, *Ceia ou Missa?* Livraria Independente Editora, s.d., pág. 40.
- ³ Lucien Deis, *A Ceia do Senhor*, São Paulo: Edições Paulinas, 1977, pág. 30 e 31.
- ⁴ Raphael Gióia Martins, *O Sacramento da Eucaristia*, Livraria Independente Editora, 1962, pág. 43.
- ⁵ Jean-Jacques Von Allmenn, *Estudos Sobre a Ceia do Senhor*, São Paulo: Editora Duas Cidades, 1968, pág. 75.
- ⁶ Fr. Amador Del Fuego, *Obras de San Agostinho*, São Paulo: s.d., pág. 141.
- ⁷ V. Héris, *A Eucaristia Ministério da Fé*, São Paulo: Edições Paulinas, 1987, pág. 55.
- ⁸ Raphael Gióia Martins, *Op. Cit.*, pág. 66.
- ⁹ Hermann Sasse, *Op. Cit.*, pág. 12.
- ¹⁰ Guilherme Dias, *Inovações do Romanismo*, Livraria Evangélica, 1912, pág. 57.
- ¹¹ Philip Schaff, *História da Igreja*, vol. 4, pág. 84.
- ¹² Raphael Gióia Martins, *Ceia ou Missa*, pág. 84.
- ¹³ Hermann Sasse, *Op. Cit.*, pág. 27.
- ¹⁴ Tomás de Aquino, *Exposição Sobre o Credo*, Rio de Janeiro: Presença Edições, 1975, pág. 1.
- ¹⁵ *Ibid.*, págs. 98 e 99.
- ¹⁶ Guilherme Dias, *Op. Cit.*, pág. 57.
- ¹⁷ F.X. Durrwell, *A Eucaristia, Presença de Cristo*, São Paulo: Edições Paulinas, 1976, pág. 26.
- ¹⁸ *Ibid.*, pág. 28.
- ¹⁹ *Ibid.*, pág. 56.
- ²⁰ Aturo Paoli, *Fraternidade no Mundo, Exigência da Eucaristia*, São Paulo: Edições Paulinas, 1980, pág. 80.
- ²¹ Karl Rahner, *A Eucaristia e os Homens de Hoje*, São Paulo: Edições Paulinas, s.d., pág. 162.
- ²² João Paulo II, *Eucaristia: Sacramento do Amor*, pág. 13.

Diálogo com Tomé

DWIGHT NELSON

Pastor da igreja da Universidade Andrews, Michigan, Estados Unidos



Divulgação

Se eu estivesse naquela reunião, naquele domingo à noite, teria reagido da mesmíssima maneira. Tudo o que ele fez foi “dar uma saidinha”.

Quem poderia condená-lo, depois de passar todo aquele dia trancado, com medo da multidão, ali no abafado cenáculo? Todos estavam nervosos, transpirando muito. Com aquele cheiro do medo tornando o ar ainda menos respirável, eu teria feito a mesma coisa. A cabeça pesada... Claro que ele teve que se afastar um pouco daquele ambiente.

Mas voltou logo. Depois de tomar o ar

fresco da noite, em uma solitária caminhada pelas sombras, ali nos arredores. Arrastado, confuso, com medo, amargurado, sentindo o vazio pela morte do seu Mestre, ele voltou, subindo, na ponta dos pés, aquelas barulhentas escadas até o cenáculo, ainda cheio de gente assustada com a polícia, que havia prendido seu Líder, na quinta-feira à noite, e poderia voltar a qualquer momento e bater à porta, procurando por eles, naquele domingo.

Por tudo isso, acho que teria reagido da mesma forma que Tomé, quando, finalmente, retornou à sala, naquela noite. Ele bateu à porta. Silêncio completo, lá dentro. Bateu de novo. Nada. Procurando uma fenda da porta, falou qualquer coisa, identificando-se para os que estavam do lado de dentro. Ninguém se moveu. Com enorme frustração, ergueu a voz para gritar, pois percebeu que antes estivera sussurrando. A única reação foi uma pesada tranca de madeira escorregando pelo lado de dentro da porta. Em seguida, um raiozinho da luz amarelada da candeia atingiu sua face agitada. “Abra, logo!” A porta se abriu só o suficiente para que u’a mão o puxasse para dentro, e imediatamente a pesada tranca foi acionada de novo, para que a porta não pudesse ser aberta.

O ambiente da sala virou uma balbúrdia. Todos queriam contar alguma coisa para Tomé. Ele foi cercado num canto. Para chamar sua atenção, as pessoas chegavam a puxar sua barba ou cutucá-lo, enquanto riam e choravam contando o que havia acontecido, exatamente naqueles minutinhos, quando Tomé estivera fora. Jesus tinha estado ali! Atordoado, Tomé sacudia a cabeça para os lados. À frente dele, dez outras cabeças sacudiam, para baixo e para cima, ao mesmo tempo. “É verdade, Tomé... Ele está vivo!”

A angústia do cético

Tenho dificuldade para condenar a atitude de Tomé ao quebrar aquela alegria quase histórica que havia na sala. Olhando bem dentro de seus olhos escuros, como pastores, sabemos muito bem o que vemos. A mensagem deles é aquela com a qual temos nos defrontado com muita frequência – a dolorida angústia, o orgulho ferido, a dor da rejeição e até mesmo o toque da dúvida.

Como Tomé ia entender que Jesus não podia ter esperado até que ele voltasse ao cenáculo? Por quê? Foi isso acontecer, logo com ele, Tomé, se amava a Cristo tanto quanto os demais? Não estivera ele com Cristo tão fielmente como os outros? Se Jesus estivesse realmente vivo, deveria ter aguardado a volta de Tomé. Ou será que Ele amava mais os outros?... A não ser que Ele conhecesse a grande luta que Tomé travava no coração e, propositadamente, quisesse deixar Tomé excluído dessa revelação...

Tais pensamentos deixavam Tomé extremamente pesaroso. Ele só encontrou uma saída. Para disfarçar sua dor, mergulhou em raciocínios, cálculos frios e detalhados, característicos dos céticos.

É isso que acontece com quase todos os céticos, não é mesmo? Em seu livro, *How to Respond to a Skeptic* (Como Responder a um Cético), Lewis Drummond e Paul Baxter fazem uma interessante psicanálise da maneira de pensar de um cético. Eles analisam a vida de alguns dos mais famosos céticos, através dos tempos, e identificam um procedimento comum, uma espécie de jeito de ser que explica o ceticismo. Drummond e Baxter chegaram à conclusão que o catalisador primário das dúvidas originais e questionamentos básicos de um cético está geralmente relacionado com uma significativa experiência negati-

va. Alguma coisa, em algum lugar, deu errado. Uma esperança foi frustrada. Um coração foi ferido. Um amor foi rejeitado. Como resultado, nasceu mais um cético.

Elie Wiesel, ganhador de um Prêmio Nobel da Paz, admitiu isso claramente. Em seu livro *Night*, conta que o fato de ter sido testemunha ocular do Holocausto, nos campos de morte de Buchenwald e Auschwitz, aniquilou sua fé infantil como um judeu. Era Deus, chegou a pensar ele, que enforcava e matava no Holocausto. Assim, com frequência, o ceticismo é a reação a uma dor pessoal.

Seria muito interessante traçar a origem de nosso ceticismo, chegando até sua causa inicial. Onde ele se originou? Para To-

mé, como para muitos outros, o ceticismo nasceu a partir de uma experiência de orgulho machucado e um senso de rejeição.

"Ora, Tomé, um dos doze, chamado Didimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, então, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Mas ele respondeu: Se eu não vir nas Suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no Seu lado, de modo algum acreditarei." João 20:24 e 25.

Que mais seria capaz de inventar um orgulho ferido? Que mais pode exigir o racionalismo, brotando desse trauma? Encarando as dez faces jubilosas, o cético volta-se para dentro de si mesmo e fica remoendo suas dúvidas.

Tempos atrás, visitei um médico. Apesar de não ser cristão, era um homem religioso. Como ele sabia que eu era pastor, a conversa logo foi para o lado da religião. Falamos sobre a morte, já que tanto o trabalho dele quanto o meu exigem uma postura diante dessa realidade. E quando perguntei o que ele cria a respeito da morte e do além, replicou: "Como poderemos saber? Se jamais estivemos lá. Para mim, a vida além da morte simplesmente significa que minha vida será refletida na dos meus filhos e netos. Esse é o sentido da vida após a morte para mim."

Para Tomé, também tudo parecia igualmente reduzido. Não é possível saber, sem ter estado lá. Tanto que ele disse: "Se eu



não vir nas Suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o meu dedo, e não puser a minha mão no Seu lado, de modo algum acreditarei.”

Passaram-se milênios, mas o ceticismo é o mesmo. Você e eu não somos muito diferentes de Tomé, e possivelmente de meu amigo médico. Por essa razão vivemos num mundo onde o intangível se transforma rapidamente no insustentável. A ciência tem nos ensinado: não insista no que você não pode provar.

Em carta anônima ao editor do *Atlanta Journal*, um escritor assim atacou o criacionismo: “O mais esquisito é como essas crenças tão absurdas ainda persistem, quando estamos já tão perto do século 21. Isso aí não passa do espasmo final de uma teologia quase defunta... É lamentável, mas o ser humano tende a mistificar tudo o que não entende. Enquanto a susceptibilidade não for arrancada pelo avanço evolucionista, essa idiotice medieval vai continuar nos prendendo como um jugo. Mas não tenha dúvida, chegará o dia em que as portas da última igreja serão fechadas para sempre. A última Bíblia será mandada para um museu, para juntar poeira, ao lado de outras ferramentas de curandeiros e pajés, que, durante certo tempo, controlaram a mente das pessoas. Os futuros arqueólogos irão descobrir esse livro bobo e rir do fato de seus ancestrais terem sido tão simplórios.”

Esse tipo de ceticismo tem se tornado apaixonante. Desde que foi carimbado com a infidelidade, o ceticismo passou a ser considerado a estrela brilhante da inteligência. Em alguns círculos, quanto mais cínica se mostra a mente, maior poder intelectual é a ela creditado.

De acordo com essa postura de Tomé (ver para crer), a aceitação da Declaração da Independência Americana (por exemplo) pode ser considerada a coisa mais esdrúxula. Nem você nem eu temos como provar sua autenticidade. Nunca vi Thomas Jefferson. Não sei como descobrir exatamente se as coisas aconteceram naquele 4 de julho de 1776 conforme a história e tradição contam (existem mesmo historiadores que insistem que os fatos não se deram no 4 de julho).

Pois eu até visitei o Arquivo Nacional, em Washington, para contemplar, por alguns momentos, o papel amarelecido que se diz ser a original Declaração de Independência. Vi que consta ali o que se considera como a assinatura de Thomas Jefferson. Mas como vou saber que o documento não é falso? Ou que a assinatura é verdadeira?

Será que tudo não passa de uma trama bem urdida? Esse “só creio no que vejo” de Tomé significa que não posso crer também em Thomas Jefferson, uma vez que jamais me encontrei com ele. Tudo o que posso fazer é crer no testemunho das pessoas que estavam naquele dia em Philadelphia, Pennsylvania. Tudo o que tenho é o que foi passado de geração para geração, um testemunho que não consigo, de forma alguma, comprovar que é verdadeiro.

O ceticismo desemboca numa opção: em quem devo crer? Se você escolher crer somente no que vê, tem que rejeitar completamente toda a história.

O coração do cético

Antes de mais nada, deixe-me reafirmar que creio em Thomas Jefferson. E creio também em Tomé, aquele cético, que sete dias depois se tornou um crente, pelo único meio que faz um cético passar a crer.

Todos estavam lá, inclusive Tomé, no

Jesus é o companheiro, tanto do crente quanto do cético.

mesmo cenáculo, uma semana após a ressurreição. A porta que dava acesso ao segundo pavimento estava trancada, e também as janelas. As pessoas, lá dentro, continuavam acudadas, nervosas, transpirando muito. E era noite, também. Então, subitamente, Ele apareceu. Inicialmente não disse uma palavra. Apenas apareceu. Vindo de lugar nenhum, colocou-Se entre eles. Vestido como um galileu típico. Alguém suspirou. Todos então se voltaram para o centro da sala. E Jesus falou: “Paz seja convosco!” (João 20:26).

Antes que qualquer um pudesse esboçar reação, Jesus voltou-Se para Tomé, que estava de olhos arregalados, pálido e pasmo.

Aí foi declarada a maior verdade para todo aquele que está lutando e não venceu o ceticismo: “Põe aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; chega também a tua mão e põe-na no Meu lado; não sejas incrédulo, mas crente.” (João 20:27). Toque-Me, Tomé. Se é isso que você precisa, toque-Me. Jesus não Se havia encontrado com ne-

nhum dos dez durante aquela semana. Portanto, ninguém poderia tê-Lo informado da reação de Tomé. A conclusão é que durante os momentos mais escuros, em que Tomé esteve dominado pelas dúvidas, Jesus estivera com ele, embora ele não O percebesse. Essa é a maior prova de que Jesus é o Companheiro, tanto do crente quanto do cético. Tomé pensava que estava sozinho em seus sofrimentos. Mas estava errado. O ressuscitado Jesus estivera com ele, todo o tempo.

“Põe aqui o teu dedo.” Mas Tomé não fez isso. Naquela noite, não. Tomé tivera a evidência necessária de que Jesus estivera com ele, o tempo todo, invisível, impalpável, mas real. A realidade que ele teimava em rejeitar estivera ao lado dele, mesmo enquanto ele não cria. A única reação do que estivera duvidando foi clamar, com os joelhos trementes: “Senhor meu e Deus meu.” João 20:28. Como pode você deixar de abraçar o Deus que permanece ao seu lado mesmo quando escolheu não crer?

A esperança do empiricista

Assim foi que o coração do cético saiu da dor para a esperança – uma esperança tão grande a ponto de Tomé chegar a morrer pelo seu Mestre ressurreto.

No alto de um monte, ao sul de Madras, na Índia, visitei o lugar no qual a lenda declara que Tomé morreu como um mártir por Cristo. É o Monte de São Tomé. O sangue daquele que fora um cético foi vertido em solo estrangeiro e tornou-se um testemunho em favor do Cristo vivo.

Ninguém dá a vida por uma dúvida. Tomé morreu pelo Companheiro que jamais o abandonara, mesmo quando sua fé desaparecera por completo. Ele morreu pelo Companheiro que era Sábio, Paciente e Poderoso para guiá-lo, apesar das suas dificuldades, até que chegasse a fazer uma das maiores confissões de fé de todos os tempos: “Senhor meu e Deus meu.”

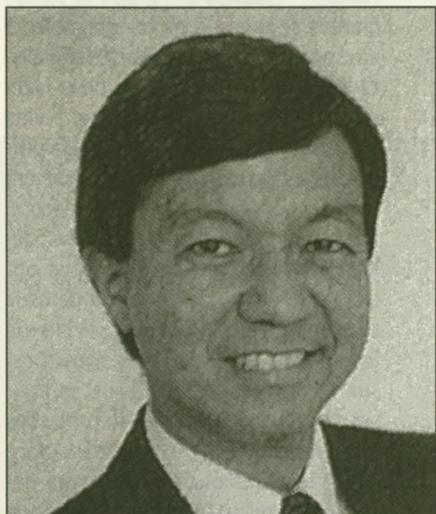
Portanto, se tão empedernido incrédulo pode vir a crer, quanta esperança existe para nós! Nos momentos difíceis, quando a morte se aproxima – de algum membro de nossa igreja, ou de nossos pais, ou cônjuges, ou filhos, amigos ou estranhos – vamos ver além das lágrimas e firmar o concerto de crer no Cristo de Tomé, o qual declarou: “Porque Eu vivo, vós também viveis.” João 14:19. “Bem-aventurados os que não viram e creram.” João 20:29.

Eu não vi. Mas se Tomé pôde crer, eu também devo crer. Aí está a esperança para qualquer cético. □

Família de Deus

LYLE M. ARAKAKY

Pastor da igreja adventista japonesa em Honolulu, Havai



A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem compreendido o evangelismo como o trabalho de conduzir pessoas a Jesus Cristo e à igreja, através do batismo. Sob esse ponto de vista, a atividade evangelizadora geralmente está relacionada a séries de conferências públicas, estudos bíblicos pessoais, e programas de rádio e televisão como *A Voz da Profecia* e *o Está Escrito*.

Muitos adventistas mantêm o conceito de que um programa evangelístico de sucesso é aquele cujo desenvolvimento resulta em muitas pessoas unidas à igreja. E, usualmente, a bênção de Deus sobre o empreendimento é considerada proporcional ao número de pessoas que foram batizadas: quanto maior esse número, maior foi a bênção divina.

Entretanto, uma questão crucial relacio-

nada aos esforços evangelísticos adventistas necessita ser considerada. Quando muitos dos que foram batizados numa cruzada evangelística não são ativamente integrados às atividades da igreja, podemos realmente considerar tal empreendimento um sucesso?

Vamos ser honestos. Como Igreja, nós temos agido muito corretamente em canalizar significativa dose de energia e recursos, empenhados em conduzir pessoas a Cristo e batizá-las. No entanto, em seu zelo para cumprir a missão evangelística, a Igreja tem negligenciado um pouco a tarefa de nutrição daqueles aos quais atraiu. Por essa razão, embora o número de membros continue crescendo, uma grande quantidade de novos conversos, maior do que desejaríamos, acaba deixando a comunidade, freqüentemente dentro de pouco tempo após a experiência batismal.

Que podemos fazer para solucionar essa dificuldade?

Raiz do problema

Para começar, nosso conceito de evangelismo necessita ser ampliado. Ele deve incluir também o aspecto da integração dos novos membros. Um programa de evangelismo não deve ser tido como encerrado por ocasião do batismo. Evangelismo – o partilhar das boas novas da salvação em Jesus Cristo – deve buscar a transformação de um descrente em um ativo membro da igreja, um amadurecido discípulo de Jesus Cristo. Evangelismo deve ser visto como um processo dinâmico que leva um indivíduo a se tornar um ativo discípulo de Jesus Cristo, ao contrário de ser um evento que meramente produz um compromisso com Cristo e encerra-se aí.

Pesquisas feitas com membros que se



desenvolveram na igreja com sucesso, revelam dois elementos cruciais que necessitam ser incluídos em qualquer programa de crescimento eclesial: um estudo contínuo da Bíblia e o desenvolvimento de amizade com outros membros da comunidade da fé.

Dizemos que esses fatores são cruciais em virtude de duas falsas pressuposições, geralmente alimentadas: primeira, a de que uma vez batizado, o novo membro, automaticamente, terá o desejo de continuar seu crescimento espiritual e de ampliar seu conhecimento da Bíblia, através dos programas e recursos que a igreja coloca à sua disposição, tais como a Lição da Escola Sabatina, cultos de oração, classe bíblica ou reuniões de pequenos grupos. A segunda pressuposição é a de que, uma vez batizado, o novo membro se integrará, muito naturalmente.

Entretanto, a verdade é que muitos novos membros não aproveitam completamente as vantagens dos programas e recursos existentes; talvez porque eles não foram ainda despertados para o impacto que eles mesmos podem exercer em seu crescimento espiritual, ou porque têm ainda um comportamento reticente, no sentido de serem envolvidos em atividades que não lhes são bem familiares. Seja qual for a razão, o novo membro, usualmente no meio do processo de reordenamento de sua vida, não gravita automaticamente em torno dos programas e recursos da igreja.

Semelhantemente, o estabelecimento de novas amizades dentro da igreja nem sempre é fácil. Para algumas pessoas, que possuem naturalmente a disposição de fa-

zer amizade e trabalhar em equipe, isso não representa muita dificuldade; outras, no entanto, acham difícil tomar iniciativas nesse sentido. Em tais casos, a igreja deve agir e tomar a iniciativa de promover a integração.

Nova cultura

Quando uma pessoa une-se à igreja, ela está se juntando a uma nova cultura, diferente da sociedade que lhe cerca. O cristianismo adventista do sétimo dia chama o indivíduo ao estabelecimento de um novo compromisso com Cristo, à adoção de um novo sistema de valores e de um novo estilo de vida. Ajudar os conversos através dessa transição, requer uma comunidade que funcione como um sistema de apoio. E para fazer isso, a Igreja deve incluir em seus modelos de evangelismo, planos definidos e claros para a assimilação e nutrição dos novos conversos. Tais planos devem ser estabelecidos sobre o pressuposto da igreja como sendo a família de Deus.

Onde quer que tenhamos um ambiente de muitas culturas, onde quer que a família seja como uma parte integrante da experiência de vida de alguém, a igreja necessita funcionar como uma família para o novo crente, especialmente se essa pessoa acabou se tornando estranha ou isolada de sua família natural e de seu antigo círculo de amizades, em virtude dos novos compromissos assumidos e novas crenças adotadas. Devido à possibilidade desse profundo sentimento de perda, a igreja deve estar preparada para encher o vazio.

O exemplo do que acontece no Havaí pode ajudar. Para os adventistas da região, o pior tipo de perda que pode ser experimentado talvez seja na área da família, ou *ohana*. Para os nativos havaianos, a experiência da *ohana* é fundamental na vida de alguém. Quando a aceitação de um compromisso com Cristo ocasiona numa pessoa a perda de seu lugar na *ohana*, a igreja precisa reconhecer que o que esse novo membro necessita não pode ser satisfeito simplesmente através das reuniões semanais de oração, e outras programações semanais, mas através de atividades e experiências que ofereçam apoio social e emocional para ajudar a repor o que foi perdido.

Para criar tal apoio é necessária a aquisição de uma visão mais ampla da Igreja de

Jesus Cristo. Nutrição espiritual deve ser sempre a principal consideração.

Um dos objetivos dessa nutrição tem sido ajudar o novo membro a compreender melhor as crenças e práticas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, dentro do contexto de um relacionamento pessoal com Deus. Quando um cristão experimenta esse tipo de crescimento, então estará melhor capacitado para compreender como os ensinamentos e práticas da sua igreja são significativos em fortalecer a vida espiritual.

A igreja necessita funcionar como uma família para o novo crente, especialmente se essa pessoa acabou se tornando estranha ou isolada de sua família natural e de seu antigo círculo de amizades.

Tipo de programa

Que forma deveria tal ministério de nutrição possuir? A resposta pode variar de uma congregação para outra. Uma igreja com 100 membros não poderia oferecer os mesmos programas oferecidos por uma com mil membros. No entanto, as duas podem oferecer oportunidades para seus membros, de modo que preencham as necessidades sociais e emocionais dos novos conversos. Cada igreja deveria avaliar criteriosamente e com muita oração os seus recursos, e desenvolver programas e atividades de acordo com eles.

O maior recurso de uma igreja é, na realidade, o povo. A simples preocupação e consideração manifestada para com a pessoa humana, especialmente o novo membro da comunidade, vai ajudar imensamente essa pessoa em seu crescimento

espiritual. O senso de identidade, cuidado, amizade, guia, e aconselhamento que tão intensamente faz parte da *ohana*, deve ser a experiência vivida dentro das nossas igrejas.

Um programa de nutrição e crescimento de novos membros não exige grande quantidade de material ou dinheiro. O que apenas se requer é que os membros antigos recebam e tratem os novos conversos como membros recém-chegados à família de Deus. Qualquer que seja o processo ou programa pelo qual essa meta será cumprida, a igreja deve assumir seriamente sua responsabilidade de contribuir para o crescimento e maturidade dos membros recém-batizados, tornando-os ativos discípulos de Jesus Cristo.

O Pastor Roy Allan Anderson orienta: "Quando um grupo de novos crentes se une a uma congregação, é a responsabilidade do evangelista alistá-los no serviço. Mas ele deve fazer mais do que isso. Deve atá-los à vida e à atividade missionária da igreja porque esses novos crentes agora devem associar-se a outros em seu serviço. É importante, portanto, que o evangelista consiga que a igreja e seus oficiais conheçam a experiência de cada converso. Deve dizer aos oficiais da igreja, de onde vêm esses conversos, sua filiação religiosa anterior, se houver, e quaisquer outras informações que possam ser consideradas úteis, pois são esses oficiais que agora devem assumir a responsabilidade de guiá-los em seu serviço missionário.

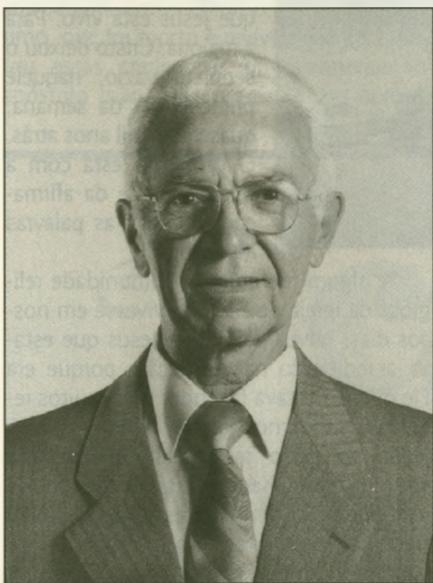
Naturalmente os membros da comissão da igreja ou pelo menos seus representantes, já tiveram contato com os novos conversos. Provavelmente alguns deles estiveram presentes nas classes bíblicas anteriores ao seu batismo, mas agora todo o grupo de líderes deveria conhecer as experiências prévias desses conversos para poderem melhor achar as espécies de serviço que mais se prestam a cada indivíduo." (*O Pastor Evangelista*, págs. 266 e 267).

Até que isso seja feito, continuaremos perdendo muitas pessoas dentre aquelas que são batizadas, especialmente em campanhas evangelísticas. Enquanto essas perdas acontecerem, nossos esforços evangelísticos não podem ser chamados de exitosos; não importa quantos nomes ainda permaneçam nos livros e quantos números sejam apresentados nos relatórios. □

Jesus e a igreja de Esmirna

ALMIR A. FONSECA

Ex-editor de Ministério, jubilado, reside em Tatui, SP



Sabedores de que Carlos Magno pretendia tirar-lhes a vida, como costumava fazer com todos aqueles que caíam em seu desagrado, o rei Desidério, da Lombardia, e Otker, um dos fidalgos daquele imperador, puseram-se no alto de uma torre. Pretendiam, assim, observar os movimentos do seu perseguidor e de seus soldados.

Como não conhecesse pessoalmente a Carlos Magno, Desidério ia perguntando a Otker se não era ele que se aproximava, assim que via surgir na estrada algum vulto. Primeiro, foram os carros de bagagem, pre-

cedidos por um soberbo guerreiro. Depois, apareceram as hostes das nações tributárias, comandadas por guerreiros de brilhantes armaduras. A resposta de Otker era sempre a mesma. Carlos Magno lá não se encontrava.

Preocupado, Desidério quis então saber como era Carlos Magno, e o que aconteceria quando este chegasse. Otker recomendou que o seu companheiro de infortúnio esperasse para ver. Uma cavalgada, constituída da fina flor dos soldados de Carlos Magno, despontou então a galope, e Desidério pensou que o imperador estivesse vindo; mas ainda não foi dessa vez. Insistindo em querer saber a maneira de identificar o famoso guerreiro, recebeu de Otker a resposta, segundo a qual, quando visse os campos eriçados de ferro e as águas do rio Pô, transbordando, lançarem-se contra os muros da cidade de Desidério, este podia saber que Carlos Magno havia chegado.

Conta o relato que Otker não terminara de falar, “quando no Oeste se levantou uma nuvem que tornou o dia em noite. E, no meio da nuvem, via-se um guerreiro cuja armadura cintilava com o fulgor do relâmpago. Sua cabeça estava coberta com um elmo de ferro; tinha as mãos calçadas com guantes de ferro, e uma couraça de ferro lhe protegia o peito” (Adaptado de *Vidas de Estadistas Famosos*, pág. 47). E a descrição continua falando do escudo e da lança de ferro. Até o cavalo que o guerreiro montava tinha a cor desse metal.

– Aí está o imperador Carlos Magno, que tanto quereis ver – disse Otker. Com estas palavras, caiu no chão, desmaiado. (Ibidem).

Como se pode ver por esse conto, escrito por um monge e considerado “ingênuo” por um escritor, Carlos Magno tinha algumas características pelas quais podia

ser identificado. Seu porte, e o de seus soldados, podia ser distinguido à distância por aqueles que de alguma forma já lhe conheciam os hábitos. A cor do ferro bem como a dureza deste, tornavam inconfundível o guerreiro.

Cristo identificado

Na carta que mandou o apóstolo João escrever ao anjo da igreja de Esmirna, Jesus procurou identificar-Se, usando uma linguagem que aquela igreja pudesse entender. Visava, com isso, auxiliá-la naquele momento difícil. Suas palavras deveriam ser uma espécie de credenciais. Quem a ela Se dirigia não só lhe conhecia as angústias; experimentara-as, Ele próprio, e estava em condições de proporcionar-lhe o conforto de que necessitava. Recomendou, por isso, ao Seu estimado apóstolo: “E ao anjo da igreja que está em Esmirna, escreve: Isto diz o primeiro e o último, que foi morto, e reviveu.” (Apoc. 2:8).

Quando lemos a carta a Esmirna, observamos que a morte rondava aquela igreja. Talvez houvesse um ambiente de velório entre os cristãos daquela comunidade religiosa. Os poucos versos que abrangem o conteúdo da carta falam de morte pelo menos três vezes. Em primeiro lugar, Jesus Se apresenta dizendo que foi morto e reviveu. Poderíamos chamar essa morte de histórica. Ela havia ocorrido quando Jesus veio ao mundo. Ele a estava usando como morte referencial. Poderia ser tomada como parâmetro, caso alguém viesse a morrer por amor a Cristo.

Na mesma carta, temos também o que poderia ser chamado de morte profetizada. Jesus prometeu à igreja de Esmirna (Apoc. 2:10) que esta receberia a coroa da vida, caso fosse fiel “até à morte”. É claro que a igreja à qual a carta estava sendo endere-



em Cristo como alguém que Se achava vivo, embora tivesse morrido. De maneira que, se alguém daquela igreja viesse a morrer, também poderia voltar a viver. Os dois conceitos – o de eternidade e o de imortalidade – tinham em vista levar a igreja de Esmirna a enfrentar até mesmo a morte, com a certeza de que esta não seria para sempre. O “dano da segunda morte”, ou da morte eterna, estava reservado aos que não fossem vitoriosos.

A declaração de Jesus à igreja de Esmirna é parcialmente aceita no mundo religioso de hoje. Com efeito, existe unanimidade quanto à crença em que Jesus está vivo. Para a maioria, Cristo deixou o sepulcro vazio, naquele primeiro dia da semana, quase dois mil anos atrás. O problema está com a primeira parte da afirmação, ou seja, as palavras “fui morto”.

cada não era a única ameaçada de morte; outros grupos de filhos de Deus já haviam experimentado a morte, ou haveriam de experimentá-la. Naquele momento, porém, Jesus estava falando àquela igreja, especificamente.

Por fim, há referência à “segunda morte” (Apoc. 2:11). Os vitoriosos, diz a carta, não deverão passar pelo “dano” dessa espécie de morte. É a primeira vez, no livro do Apocalipse, que se faz referência a ela. Depois, o apóstolo João volta a mencioná-la mais duas vezes, no capítulo 20. Os comentários relacionados com esse tipo de morte são unânimes em afirmar que se trata de uma morte eterna; morte da qual não haverá retorno.

Eternidade e imortalidade

Vale a pena falar um pouco a respeito dos dois aspectos mencionados por Jesus, relacionados com Sua pessoa. Suas credenciais à igreja de Esmirna incluem duas afirmações de importância fundamental. Ao dizer-Se “o primeiro e o último”, Cristo está falando a respeito de eternidade; tanto passada, quanto futura. Pode parecer

estranho, mas as Escrituras nos permitem dividir a eternidade dessa maneira. No Salmo 90:2, Moisés falou a esse respeito, quando disse: “Antes que os montes nascessem, ou que Tu formasses a Terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, Tu és Deus.”

Semelhantemente, Jesus falou de Sua eternidade, por intermédio do profeta Isaías. Quando a idolatria ameaçava a fé do povo de Deus, no tempo daquele profeta, o Senhor pôs nos lábios do Seu mensageiro as mesmas palavras que agora utilizou para fortalecer o ânimo da igreja de Esmirna: “Assim diz o Senhor, Rei de Israel, e seu Redentor, o Senhor dos exércitos: Eu sou o primeiro, e Eu sou o último, e fora de Mim não há Deus.” (Isa. 44:6). Jesus estava dizendo a Esmirna que, por mais feroz que fosse a perseguição, seus perseguidores não eram eternos. Só Jesus possuía essa característica.

Ao mesmo tempo, o Senhor procurou fortalecer a fé de Sua igreja, dizendo-lhe que “foi morto e reviveu”. Isso deveria levar a igreja a pensar em um Jesus que não permanecia na sepultura. Levá-la a pensar

Se algum membro da comunidade religiosa da igreja de Esmirna vivesse em nossos dias, talvez dissesse a Jesus que estava acreditando na afirmação, porque era Ele quem a estava fazendo; pois muitos religiosos modernos já não crêem assim. E Jesus, por certo, responderia que embora sejam acontecimentos antagônicos, morte e ressurreição têm que estar juntas. Não pode haver ressurreição sem morte. A ressurreição mantém a imortalidade. “Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre: morte não mais terá domínio sobre Ele.” (Rom. 6:9).

Cristo poderia ter dito à igreja de Esmirna que Ele havia sido morto, mas aquela igreja não precisava preocupar-se; pois munido dos poderes de que dispunha, iria impedir que lhe fosse causado qualquer tipo de dano. Em lugar disso, tornou a igreja ciente de que poderia ser vítima de agressão, mas devia resistir até à morte. Não é propósito de Cristo evitar que Seus seguidores fiquem isentos de aflições e enfrentem mesmo a morte; coisas que Ele próprio não teria experimentado, tivesse pretendido negar-Se a ela. Não Lhe faltaria

poder para repelir a agressão, se quisesse. Deixou-Se, porém, ferir; e, além de com isso ter-nos trazido esperança de vida eterna, usa os transe dolorosos por que passou, como credenciais que nos animam a seguir-Lhe os passos.

Primeiro, João

Sem nenhuma dúvida, as credenciais que Jesus apresentou à igreja de Esmirna foram de grande valor para a segunda das sete igrejas. Não nos é possível relatar nenhuma ocorrência que possa ser usada como exemplo de que a igreja foi beneficiada com aquela espécie de identificação de Jesus. Nosso Senhor, porém, não Se dirigira como o fez, à Sua igreja, tivesse de antemão a certeza que os Seus esforços deram resultado positivo. Os membros daquela igreja, pelo menos em grande parte, devem estar aguardando a coroa da vida, a qual lhes será posta na frente, por ocasião da segunda vinda de Jesus.

Contudo, é quase impossível esquecer que não foi só à igreja de Esmirna que Jesus Se apresentou como o primeiro e o último, que foi morto e reviveu. Ele apresentou essas credenciais primeiramente ao apóstolo João. Não poucas vezes somos

levados a pensar que, por uma igreja, na qual existem dezenas ou centenas de membros, era razoável falar de eternidade e imortalidade; o mesmo não acontecendo ao tratar-se de uma só pessoa. Caso tenha esse pensamento encontrado guarida em sua mente, lembremo-nos de que Jesus falou dessas mesmas credenciais a uma única pessoa.

João, da mesma forma que a igreja a que fora mandado escrever, estava sofrendo ameaça de morte. Encontrava-se banido da sua terra e de seu povo. A espada de tiranos governadores lhe estava suspensa sobre a cabeça. Necessitava de uma mensagem de incentivo, de encorajamento. Essa mensagem não tardou a vir. Jesus, pessoalmente, foi levá-la ao Seu servo. Ele foi dizer a João que este era muito importante. Para Ele, não é o número que conta; pois cada pessoa foi comprada por preço de sangue, o sangue do Cordeiro de Deus.

No momento em que desmaiou, após ter tido uma visão de Jesus, o exilado de Patmos sentiu no ombro um toque, acompanhado das palavras: "Não temas" (Apoc. 1:17). Em outras ocasiões, por si só essa expressão seria já suficien-

te para trazer ânimo ao prisioneiro. Ela, contudo, foi seguida pelas credenciais de eternidade e imortalidade: "Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo e fui morto"! Não eram a certeza de que João estava livre da morte, mas indicação de que aquele que morre por Cristo pode voltar a viver como Ele.

Podemos imaginar com que disposição não deve ter o exilado de Patmos iniciado a carta ao anjo da igreja de Esmirna! Que firmeza deve ter demonstrado sua mão ao segurar a pena que estava usando para escrever as palavras "Eu sou o primeiro e o último; e o que vivo e fui morto"! Era a segunda vez que Jesus estava exibindo Suas credenciais, e o fazia a pessoas que se encontravam em condições semelhantes. Era alguém eterno e imortal, alguém que, embora tenha experimentado "as ânsias da morte" (Atos 2:24), apresentava agora as Suas credenciais a quem estava na iminência de morrer. Suas palavras, exortando a permanecer "fiel até à morte", não eram expressões vazias; mas o conselho de quem havia permanecido do lado da fidelidade.

Quem aceitar o conselho, estará seguindo-Lhe os passos. □

A casa

agora está mais perto de você.

**Para adquirir literatura,
ligue grátis**

0800-552616



**CASA
PUBLICADORA
BRASILEIRA**

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-000
Tel.: (015) 250-8800 - Fax: (015) 250-8900

Igreja confiável



Depois de termos visto as características de líderes confiáveis, vamos considerar as qualidades de uma organização confiável. Ei-las:

Líderes ativos. Visão de liderança, tanto na definição da missão como na busca dos objetivos é vital. Os liderados jamais vão acima dos líderes, nesses aspectos. Líderes sábios são sempre conscientes do papel que os coloca na vanguarda das funções organizacionais para representar, recomendar e reafirmar o progresso.

Objetivos claros. Pode cada membro da equipe compreender e explicar claramente a missão da organização? Podem eles descrever sucintamente o que deles se espera? Podem aqueles que estão na linha de frente compreender todos os negócios da organização? Estão eles tão comprometidos com sua missão, como os administradores? Se não, a grande questão é descobrir onde a liderança falhou, e não onde os liderados falharam.

Consonância de valores. Refletem os valores da organização os mesmos da denominação? Existe dissonância entre o que diz a declaração de missão e a maneira como o trabalho é conduzido? Os princípios escriturísticos devem ser o referencial no processo de tomar decisões; não a conveniência e a esperteza. As pessoas que in-

teragem com ela têm de reconhecê-la como uma entidade espiritual.

Democracia. Busca a organização um consenso harmonioso ou simplesmente quer ganhar um voto? As decisões são tomadas através de um processo de discussão saudável, oração e respeito pelas opiniões alheias? Uma organização confiável terá estabelecido que o processo é tão importante quanto o produto. Os servidores que estão esperando para apoiar e implementar as decisões tomadas, precisam comprovar isso.

Espírito de cooperação. A conquista, a longo prazo, da missão é mais importante para uma organização confiável do que a consecução, a curto prazo, dos seus alvos. Embora não haja nada mau nos alvos em si mesmos, os membros da equipe são melhor motivados pela participação cooperativa em busca de objetivos comuns, em vez de constantes comparações com outros obreiros. Muitos de nós agimos mais como concorrentes do que como colegas; e a liderança leve acaba refletindo esse comportamento.

Reconhece a iniciativa. Uma organização confiável reconhece a contribuição dos indivíduos cujo serviço pode parecer ordinário ou desprezível. A mecânica que mantém a máquina não é menos vital que o capitão que faz o roteiro do navio. A mão no ombro do servidor, uma palavra de apreço por um trabalho bem feito, ou um sincero "muito obrigado" por algum trabalho extra, são gestos que motivam muito mais do que enaltecimento público. Um bondoso reconhecimento é mais motivador do que pagamento integral.

Gratificação justa. Segundo as Escrituras, daqueles aos quais muito foi confiado muito é esperado. Cristo usou parábolas sobre recompensa para diferentes níveis de desempenho. Em geral, nossos métodos de recompensa financeira mais produzem mediocridade do que encorajam a excelência. Ninguém deve querer enriquecer às custas da missão; mas também não deve ser encorajado à preguiça devido a uma remuneração abaixo de seu desempenho.

Incentiva à criatividade. Quanto mais a liderança inspira os membros de

sua equipe a explorar seus talentos, inteligência, idéias, e outros recursos, melhor para a missão. As organizações que correm riscos e provêm um ambiente onde as iniciativas ousadas podem ser tentadas, verão crescer a criatividade em áreas consideradas adormecidas. Uma organização confiável não teme errar enquanto luta por objetivos louváveis, encorajando novas idéias, novos métodos e novas aventuras.

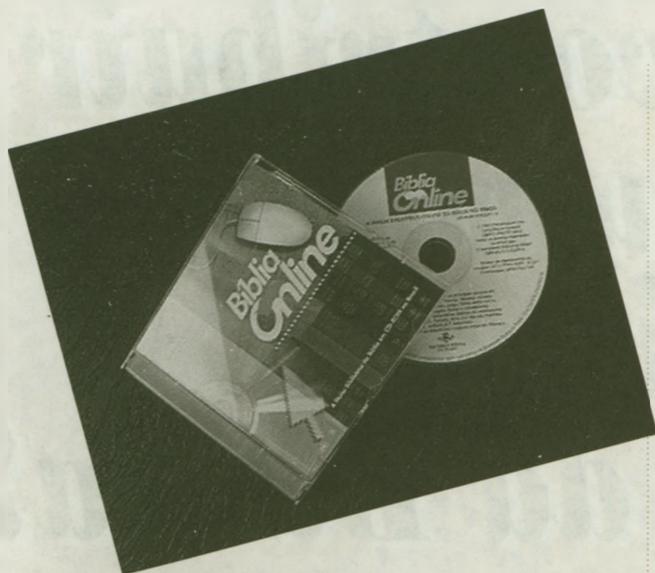
Liderança acessível. Líderes sábios estão facilmente disponíveis aos membros de sua equipe, especialmente aqueles que esperam implementar os programas da organização. Na verdade, a visão é mais facilmente captada pela associação com a liderança do que apreendida através de memorandos e editais.

Valoriza os dons. Sabemos que nem todos têm os mesmos dons, nem o mesmo quociente de criatividade. Mas a tentação comum é desvalorizar as pessoas cujos dons diferem dos nossos e supervalorizar aquelas que se parecem conosco. Cada membro da equipe deve ser valorizado por seus dons específicos que contribuem para o avanço da Causa de Deus, dentro dos papéis que lhes foram designados.

Sabe avaliar. Em vez de ser temida, a avaliação clara, aberta e interativa, motiva a equipe para servir melhor. Uma avaliação efetiva está baseada em critérios predeterminados para medir o desempenho e utilizar as lições do passado na construção do futuro. Pouquíssimos obreiros ficarão ressentidos, ao serem avaliados, se participarem no estabelecimento dos critérios pelos quais serão medidos.

Focaliza o futuro. Finalmente, uma organização confiável está mais interessada no amanhã do que no hoje. Tem um aguçado senso de história que afirma a liderança divina no passado e antecipa a vitória final. Gasta pouca energia para manter o *status quo*. Possui uma firme compreensão do crescimento potencial do reino de Deus. Seus planos, pensamentos, orações e programas são intencionalmente direcionados para o triunfo do amor de Deus. — James Cress. □

LIVROS



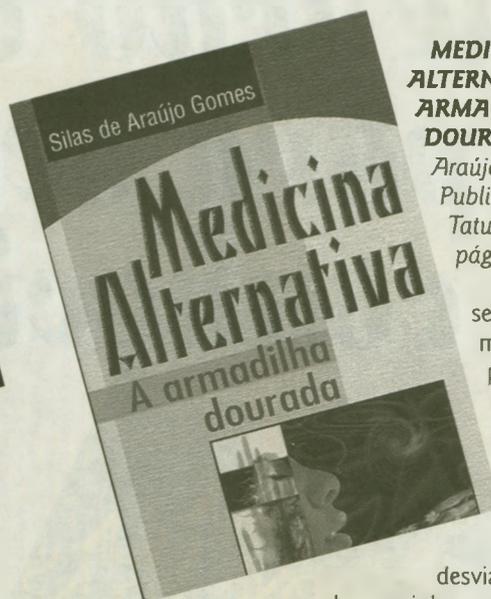
BÍBLIA EM CD-ROM – Uma utilíssima e barata ferramenta para pastores e estudiosos da Bíblia. Essa pode ser a definição da Bíblia Online, recentemente lançada pela Sociedade Bíblica do Brasil. O CD-ROM contém 47 versões da Bíblia, sendo três em português: a Revista e Atualizada no Brasil, a Revista e Corrigida e a Bíblia na Linguagem de Hoje.

Entre as versões em outras línguas, contam-se: 15 em inglês, três em grego, duas em hebraico, três em francês, três em alemão, duas em espanhol, italiano, latim, holandês, russo, chinês, árabe, etc.

Encontrar uma frase ou localizar uma passagem são operações extremamente simples e rápidas. Fazer uma leitura comparativa de 3 Bíblias ao mesmo tempo (por exemplo: português, inglês e grego) é outro recurso que o programa oferece através da sincronização de diferentes janelas. Exportar qualquer quantidade de texto para o processador, por exemplo para citar num sermão; ou adicionar notas e comentários, são outras possibilidades oferecidas por essa ferramenta.

Além de todas essas Bíblias, o CD-ROM traz ainda uma valiosa coleção de 25 mapas bíblicos (aliás, cedida pela Review and Herald), 30 histórias bíblicas infantis, e cerca de 40 volumes de textos devocionais, apologéticos, sobre cronologia, arqueologia e comentários bíblicos. Naturalmente todos esses textos estão em inglês, mas há algumas preciosidades que compensam o esforço, como o texto original da cronologia de Ussher, devocionais de Spurgeon ou de Bunyan, e comentários de Matthew Henry, Robertson, Barnes, Scofield, etc. Bastante modesto, mas de alguma utilidade, há ainda em português um dicionário bíblico com cerca de 6.500 vocábulos.

O CD-ROM Bíblia Online custa R\$ 49,00 e pode ser pedido pelo 0800-162.164.



MEDICINA ALTERNATIVA A ARMADILHA DOURADA

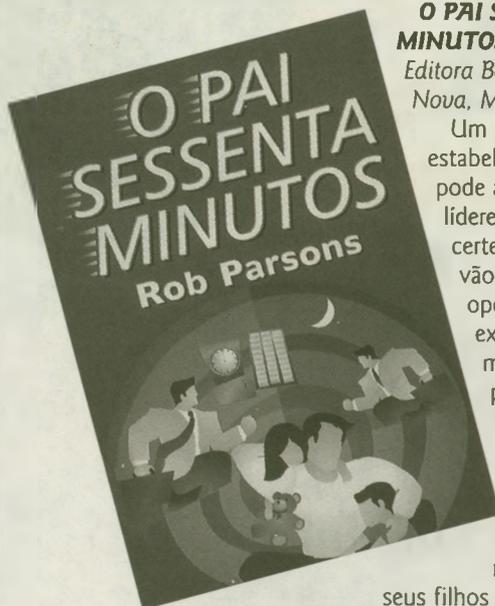
– Silas de Araújo Gomes, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP; 151 páginas.

O disfarce sempre foi um dos métodos prediletos para enganar o ser humano.

Misturando a verdade com o erro, ele tem levado muitos a se

desviarem totalmente dos caminhos propostos por

Deus para o homem, principalmente no que diz respeito à saúde e à cura de doenças. Preocupado com isso, Silas de Araújo Gomes, médico do Hospital Adventista de Belém, reúne neste livro alguns ramos da medicina alternativa que têm se tornado uma verdadeira armadilha para muitos cristãos, e mostra como uma pitada de falsidade pode contaminar toda a verdade.



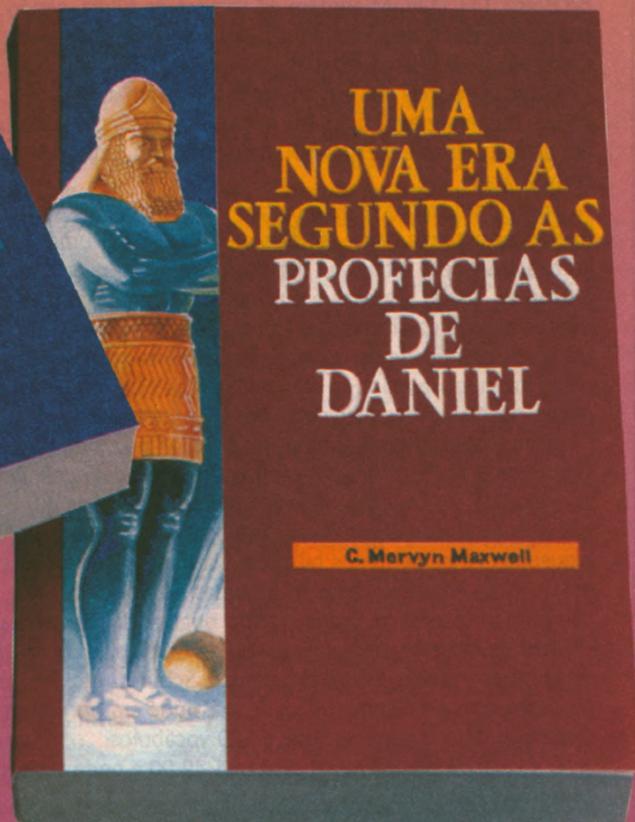
O PAI SESSENTA MINUTOS

– Rob Parsons, Editora Betânia, Venda Nova, MG; 103 páginas.

Um livro que estabelece algo que pode ajudar pastores, líderes e pais a terem a certeza de que não vão perder a maior oportunidade da existência. Com muitos conselhos práticos e ilustrações de impacto, *O Pai Sessenta*

Minutos é um livro que pode mudar a vida de seus filhos para sempre.

Dois livros fantásticos que irão contribuir para seu maior conhecimento da Bíblia!



Lançamento

Peça hoje mesmo!



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 – Tatuí, SP – CEP 18270-000 – Tel.: (015) 250-8800
Fax: (015) 250-8900 – E-mail: vendas@cpb.com.br

LIGUE GRÁTIS
0800-552616
Para Fazer Seu Pedido